

adf

AFRICAN DEFENCE FORUM

GUERRA IRREGULAR

Forças de Segurança Adaptam-se à
Medida que Surgem Ameaças

Mercenários Lançam Sombra
Sobre o Continente

PLUS

Uma Conversa com o Dr. Albert Antwi-Boasiako, Antigo
Director-Geral da Autoridade de Segurança Cibernética do Gana

VISITE-NOS EM ADF-MAGAZINE.COM

20

reportagens

8 Guerra Travada nas Teclas

À medida que as ameaças cibernéticas crescem, as forças de segurança trabalham para defender contra ataques internos e externos

14 'Uma Determinação Comum'

Uma conversa com o Dr. Albert Antwi-Boasiako, antigo director-geral da Autoridade de Segurança Cibernética do Gana

20 Governos Paralelos

Usando extorsão disfarçada de impostos, grupos terroristas tentam manter o poder nas áreas que controlam

26 Um Reduto Contra o Extremismo

Países costeiros priorizam segurança e serviços sociais para impedir o avanço dos terroristas

34 Forças de Operações Especiais Centram-se no Futuro

Após 20 anos de Flintlock, as forças especiais de África devem padronizar a doutrina para enfrentar ameaças comuns

40 Tecnologia Irregular

Países investem em tecnologia para derrotar os insurgentes, mas os adversários adaptam-se rapidamente

44 'Aproveitando-se da Instabilidade'

Empresas militares privadas lançam uma sombra sobre o continente

50 A Guerra por Procuração do Sudão

Países de fora de África escolhem lados em busca de lucro e influência

colunas

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

32 Batimento Cardíaco Africano

56 Ferramentas da Profissão

58 Força Futura

60 Defesa e Segurança

62 Manutenção da Paz

64 Trabalho em Equipa

66 Retrospectiva

67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum
está disponível online**

Visite-nos em adf-magazine.com



NA CAPA

As forças de segurança
preparam-se para uma
série de ameaças
emergentes na era da
guerra irregular.

REUTERS

No século XXI, a era da guerra convencional deu lugar à era da guerra irregular. As forças armadas ainda se enfrentam diretamente em combates convencionais, mas isso é muito menos comum do que a guerra irregular, em que os ataques são esporádicos, assimétricos e difíceis de detectar.

As forças militares africanas enfrentam hoje ameaças de grupos estatais e não estatais que empregam tecnologia de ponta nos seus ataques. Os ataques cibernéticos a infra-estruturas estatais estão a tornar-se comuns, e a militarização da inteligência artificial e de outras novas tecnologias está no horizonte.

Não existe uma ameaça padrão, portanto, não deve haver uma resposta militar estática. As forças de segurança do continente devem adaptar-se para sobreviver e vencer.

Um dos pilares da preparação para ameaças irregulares é investir na prontidão tecnológica. Aproveitar uma geração jovem e experiente em tecnologia é uma forma de um país impulsionar as suas defesas de segurança cibernética e alavancar a educação e as competências existentes para apoiar uma transformação do sector da segurança tecnológica.

Um segundo pilar é construir e manter a cooperação internacional, continental e regional. Os actores irregulares exploram as nações isoladas e regiões fragmentadas. Quando as alianças de segurança são fortes, os insurgentes não têm onde se esconder. Quando as alianças se rompem, fica mais fácil para os actores estatais e não estatais lançarem ataques devastadores.

O terceiro pilar da preparação para ameaças irregulares é investir na educação militar profissional. A única maneira de preparar os soldados de hoje para as ameaças imprevisíveis de amanhã é fornecer-lhes a instrução necessária. A educação, incluindo o estudo na sala de aula e um processo ao longo da carreira que actualiza as competências, é fundamental. O melhor treino incorpora tecnologia moderna e lições aprendidas no campo de batalha para manter os combatentes em alerta e prontos para responder a novas ameaças.

Não existe um plano para deter ameaças irregulares, assim como não há como saber como essas ameaças serão daqui a 10 ou 20 anos. Mas alguns princípios resistem ao teste do tempo. A preparação, a parceria e o profissionalismo podem ajudar o sector de segurança de qualquer nação a transformar-se para enfrentar ameaças irregulares impulsionadas pela tecnologia.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos



Soldados de vários países participam na cerimónia de abertura do Justified Accord 2025, no Centro de Operações de Contra-Insurgência, Terrorismo e Estabilidade de Nanyuki, Quênia

SARGENTO KYLE/JAN FRANCA/EXÉRCITO DOS EUA



Guerra Irregular

Volume 18, 2º Trimestre

COMANDO AFRICANO
DOS ESTADOS UNIDOS



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

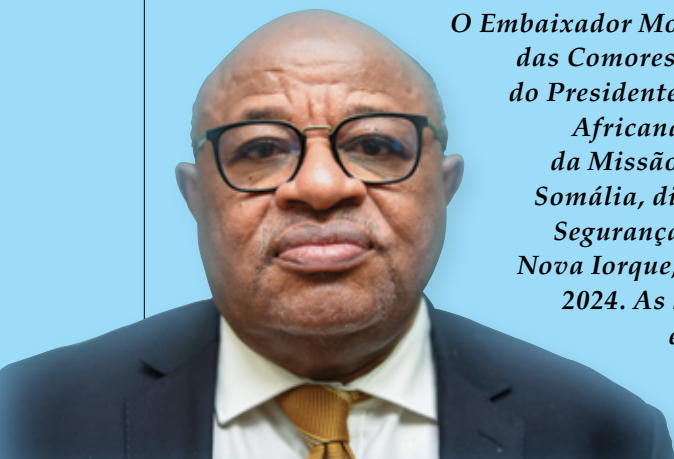
ADF.Editor@ADF-Magazine.com

HEADQUARTERS U.S. AFRICA COMMAND

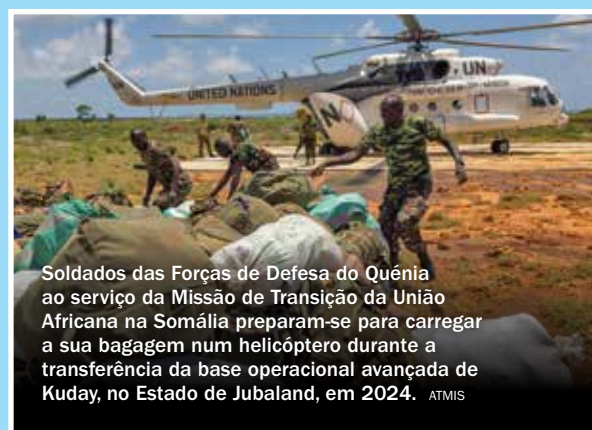
Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

Somália Precisa de Apoio Contínuo no Âmbito do Progresso



O Embaixador Mohamed El-Amine Souef, das Comores, representante especial do Presidente da Comissão da União Africana para a Somália e chefe da Missão de Transição da UA na Somália, discursou no Conselho de Segurança das Nações Unidas em Nova Iorque, no dia 3 de Outubro de 2024. As suas observações foram editadas por motivos de espaço e clareza



Soldados das Forças de Defesa do Quênia ao serviço da Missão de Transição da União Africana na Somália preparam-se para carregar a sua bagagem num helicóptero durante a transferência da base operacional avançada de Kuday, no Estado de Jubaland, em 2024. ATMIS



Os últimos meses testemunharam um panorama de segurança instável na Somália, caracte-

terizado por progressos e retrocessos. As Forças de Segurança da Somália (SSF) intensificaram os esforços para enfraquecer as capacidades do al-Shabaab através de operações antiterroristas direccionadas e melhoradas, que levaram à eliminação de líderes insurgentes e ao desmantelamento de várias bases operacionais.

No entanto, o al-Shabaab continuou a empregar táticas assimétricas, incluindo ataques complexos, dispositivos explosivos improvisados (DEI), DEI transportados em veículos e fogo indirecto. Os recentes ataques com morteiros contra campos da União Africana/Nações Unidas em Baidoa, Mogadíscio e Kismayo, e outras formas de ataques contra alvos civis e militares em Mogadíscio e em todos os sectores da Missão de Transição da União Africana na Somália (ATMIS), demonstram a resiliência do al-Shabaab e sublinham a necessidade de mecanismos robustos de partilha de informações.

Além disso, relatos de que o al-Shabaab adquiriu mísseis e VANT armados são mais uma fonte de preocupação, aumentando as ameaças de drones e a hostilidade contra instalações do governo federal da Somália, ATMIS, ONU e SSF, bem como alvos civis.

Da mesma forma, o risco crescente de infiltração e colaboração entre o al-Shabaab e os Houthis constitui um desafio considerável para a segurança, ameaçando a estabilidade regional no Corno de África, bem como a navegação marítima e as rotas de transporte marítimo no Mar Vermelho, no Oceano Índico e no Canal de Moçambique. Estas preocupações sublinham a natureza transnacional dos desafios de segurança e a necessidade de esforços internacionais abrangentes e coordenados que dêem prioridade a soluções eficazes e sustentáveis.

À medida que o governo da Somália avança na implementação do seu Plano de Desenvolvimento do Sector de Segurança para reforçar as capacidades das forças, a cooperação e o apoio internacionais sustentados são cruciais para reforçar os quadros de segurança existentes, permitindo à Somália enfrentar eficazmente as ameaças emergentes.

Tenho o prazer de informar que foram realizados progressos notáveis na transição das responsabilidades de segurança da ATMIS para as SSF.

Em consonância com a decisão deste conselho sobre a abordagem faseada para a redução da Fase 3, a ATMIS, com a colaboração e o apoio do Gabinete de Apoio das Nações Unidas na Somália (UNSO), concluiu a transferência de seis das oito bases operacionais avançadas (FOB)

designadas para entrega às SSF.

Com as condições ambientais e infra-estruturais desafiadoras em algumas das nossas áreas de operação, continuamos a trabalhar em estreita colaboração com o UNSOS para explorar possíveis soluções e estamos a fazer progressos notáveis, na esperança de que as duas últimas FOB sejam reduzidas até ao final de Outubro de 2024.

O planeamento da transição é um processo complexo, completamente ligado à dinâmica da liderança e da apropriação nacionais. A este respeito, louvo o Governo federal da Somália, sob a liderança do Presidente Hassan Sheikh Mohamud, por assumir a plena apropriação e responsabilidade pelo processo de planeamento, promovendo uma maior colaboração e coordenação entre as principais partes interessadas.

Gostaria de sublinhar que, apesar dos desafios, existem oportunidades claras para consolidar e continuar a progredir.

Continuo profundamente convencido de que a determinação do Presidente Mohamud em construir confiança e consenso e promover uma cultura de compromisso e responsabilidade partilhados com todas as partes interessadas para abordar as questões emergentes será essencial para sustentar a luta contra o al-Shabaab e oferecer as melhores condições possíveis para uma transição suave.

Pirataria Diminui, Mas o IMB Alerta Contra a Complacência

DEFENCEWEB

O Gabinete Marítimo Internacional (IMB, na sigla inglesa) registou 116 incidentes de pirataria e assaltos à mão armada contra navios em 2024, quatro a menos do que em 2023 e um a mais do que em 2022.

É preocupante o aumento do número de tripulantes feitos reféns ou sequestrados. Os piratas fizeram 126 tripulantes reféns em 2024, em comparação com 73 em 2023 e 41 em 2022. Doze tripulantes foram sequestrados, em comparação com 14 em 2023 e dois em 2022. Outros 12 tripulantes foram ameaçados e um ficou ferido em 2024.

O IMB afirmou que isso é um apelo para continuar a dar prioridade à segurança das tripulações. Os piratas abordaram 94 navios em 2024, tentaram atacar 13, sequestraram seis e dispararam contra três.

“Embora saudemos a redução do número de incidentes registados, as ameaças contínuas à segurança das tripulações continuam a ser uma preocupação significativa,” o General John W.H. Denton, secretário-geral da Câmara de Comércio Internacional, disse num comunicado emitido pelos Serviços de Crimes Comerciais, dos quais o IMB faz parte.

“É vital salvaguardar as rotas e garantir a segurança do pessoal marítimo, que é essencial para manter o comércio global. Todos os esforços devem

ser envidados para proteger vidas no mar, garantindo ao mesmo tempo o fluxo contínuo de mercadorias através das cadeias de abastecimento internacionais. Isso requer um esforço colaborativo, sendo crucial para este empreendimento a presença naval regional e internacional contínua.”

A costa ocidental de África, particularmente o Golfo da Guiné, registou uma pirataria “relativamente mais baixa” em 2024, com 18 incidentes. Este número é quatro vezes inferior ao de 2023 e representa uma grande diminuição em relação aos 81 registados em 2020. Os 12 tripulantes sequestrados no Golfo da Guiné representam pouco menos de um quarto do total de sequestros relatados ao IMB. Em todo o continente, no Oceano Índico ocidental e no Golfo de Áden, foram relatados oito incidentes.

“As ameaças contínuas à segurança da tripulação destacam a importância de se manter a cautela,” afirmou o director do IMB, Michael Howlett. “Os comandantes e operadores de navios são fortemente encorajados a cumprir rigorosamente todas as recomendações das Melhores Práticas de Gestão durante a travessia do Golfo da Guiné e das águas ao largo da África Oriental.”

Participantes do Obangame Express treinam para combater a pirataria, a pesca ilegal, o tráfico e outros crimes marítimos. MARINHA FRANCESA



Depósito Logístico Militar Regional em Construção no Botswana

VOZ DA AMÉRICA

A Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) iniciou em Dezembro de 2024 a construção de um centro logístico militar no Botswana para garantir o rápido envio de tropas em situação de crises regionais, como a que ocorre no norte de Moçambique.

Os trabalhadores estão a construir o Depósito Logístico Regional da Força em Estado de Alerta da SADC em 19 hectares em Rasesa, 40 quilómetros a norte da capital, Gaborone. A SADC tem assistido ao surgimento de pontos problemáticos, nomeadamente no leste da República Democrática do Congo e em Moçambique.

“Esta cerimónia de inauguração é oportuna e marca um passo significativo na nossa jornada para promover e consolidar a paz, a estabilidade e a segurança na nossa região,” disse o Presidente em Exercício da SADC e Presidente do Zimbabwe, Emmerson Mnangagwa.

Mnangagwa disse que o centro garantirá que a região possa mobilizar tropas rapidamente. Ele apelou aos parceiros internacionais para contribuírem para o custo de 45 milhões de dólares do centro.

O Presidente do Botswana, Duma Boko, disse que o centro militar dará à SADC a capacidade de intervir e distribuir equipamento militar em regiões devastadas por conflitos. “[As pessoas] estão em



O Presidente do Botswana, Duma Boko, fala durante a cerimónia de inauguração do depósito logístico da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral em Rasesa.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO BOTSWANA

sofrimento e procuram ajuda, e nós, na SADC, assumimos a responsabilidade de intervir, avançar e socorrer quando estes pedidos de socorro são feitos,” disse Boko.

O analista político Effie Diela Ncube, do Zimbabwe, afirmou que, embora seja fundamental ter o arsenal, os líderes regionais devem primeiro resolver as causas profundas dos conflitos.

“Precisamos de ir além disso [destacar tropas] e lidar com as causas políticas, socioeconómicas, jurídicas e outras causas estruturais profundas dos conflitos na região,” afirmou Ncube.

Operação Visa Criminosos Cibernéticos em 7 Países

EQUIPA DA ADF

A Interpol prendeu 306 pessoas e apreendeu 1.842 dispositivos electrónicos em sete países africanos numa operação internacional que visava autores de ataques cibernéticos e fraudes.

A organização policial internacional trabalhou de Novembro de 2024 a Fevereiro de 2025 para combater fraudes bancárias, de investimento e em aplicativos de mensagens. A Operação Cartão Vermelho teve como objectivo dismantlar redes criminosas transfronteiriças que prejudicaram mais de 5.000 pessoas e empresas.

Autoridades do Benin, Costa do Marfim, Nigéria, Ruanda, África do Sul, Togo e Zâmbia participaram na operação. A Interpol trabalhou através da sua Operação Conjunta Africana contra o Crime Cibernético.

As autoridades da Nigéria prenderam 130 suspeitos, incluindo 113 estrangeiros, acusados de perpetrar golpes cibernéticos, tais como fraudes em casinos online e investimentos. As autoridades afirmam que eles converteram os lucros em activos digitais e foram recrutados em diferentes países para realizar golpes em várias línguas. No total, a operação na Nigéria apreendeu 26 veículos, 16 casas, 39 parcelas de terra e 685 dispositivos.

As autoridades ruandesas prenderam 45 suspeitos de pertencerem a uma rede criminosa envolvida em esquemas de engenharia



As autoridades apreenderam 685 dispositivos, incluindo computadores portáteis e telemóveis, na Nigéria. INTERPOL

social que defraudaram as vítimas em mais de 305.000 dólares em 2024. As autoridades afirmam que eles se faziam passar por funcionários de telecomunicações e alegavam falsos ganhos em “jackpots” para extrair informações confidenciais e obter acesso a contas bancárias móveis. As autoridades recuperaram 103.043 dólares e apreenderam 292 dispositivos.

Na África do Sul, as autoridades prenderam 40 pessoas e apreenderam mais de 1.000 cartões SIM e 53 computadores de mesa e torres. O esquema de fraude com caixas SIM redirecciona chamadas internacionais como locais em ataques de phishing em grande escala por SMS.

Na Zâmbia, os agentes prenderam 14 suspeitos de pertencerem a um sindicato criminoso que hackeava telemóveis, enviando uma mensagem com um link malicioso que instalava software malicioso quando clicado. Isso dava aos piratas

informáticos acesso a aplicativos bancários e a capacidade de espalhar o esquema.

“O sucesso da Operação Cartão Vermelho demonstra o poder da cooperação internacional no combate ao crime cibernético, que não conhece fronteiras e pode ter efeitos devastadores sobre indivíduos e comunidades,” Neal Jetton, director da Divisão de Crime Cibernético da Interpol, disse num comunicado de imprensa.



GUERRA TRAVADA NAS TECLAS

À medida que as Ameaças Cibernéticas Crescem, as Forças de Segurança Trabalham para Defender Contra Ataques Internos e Externos

EQUIPA DA ADF

Menos de dois anos após o início da guerra civil no Sudão, em Abril de 2023, as duas facções beligerantes já tinham matado mais de 28.700 pessoas, mais de um quarto das quais eram civis. Metade da população precisava de ajuda humanitária e quase um terço tinha fugido das suas casas.

No entanto, antes que as bombas e as balas derramassem sangue e derrubassem edifícios, um elemento oculto da guerra já estava a causar estragos no espaço cibernético do Sudão. O Sudão tem um histórico de bloqueio do acesso à internet que remonta ao regime de Omar al-Bashir. Enquanto os cidadãos protestavam pela sua destituição em 2019, o governo de al-Bashir fez uma parceria com mercenários russos para espalhar informações falsas, segundo o site de notícias sem fins lucrativos sobre política externa, Inkstick.

Nesse mesmo ano, as Forças de Apoio Rápido (RSF) “organizaram uma campanha de influência para limpar a reputação dos seus líderes,” informou o Inkstick. Assim que a guerra contra as Forças Armadas do Sudão (SAF) começou em 2023, uma conta falsa surgiu no X e alegou falsamente que o líder das RSF, Mohamed Hamdan Dagalo, conhecido como “Hemedti,” havia morrido devido a ferimentos de combate.

Na véspera dos combates, as RSF obtiveram um tipo de software espião conhecido como Predator. O software permite aos utilizadores extrair dados e rastrear telemóveis infectados. Os monitores podem aceder a mensagens, ficheiros multimédia, localizações, históricos de navegação e registos de

chamadas. O programa funciona em modo furtivo e permite aos utilizadores personalizar o que recolhem.

Ficou claro que tanques, aviões, soldados, bombas e balas não seriam as únicas armas na guerra. Os combatentes adicionariam teclados, placas-mãe, programas de computador e piratas informáticos aos seus arsenais.

“Há um hábito de não prestar atenção à guerra cibernética dos conflitos até meses após o conflito físico,” Nate Allen, líder de operações cibernéticas do Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS), disse ao Inkstick. “E a guerra cibernética também transcende o momento difícil do conflito real.”

Tal como as ferramentas cinéticas do campo de batalha, as armas cibernéticas são variadas e eficientes. Software malicioso, software espião,

Ficou claro que tanques, aviões, soldados, bombas e balas não seriam as únicas armas na guerra. Os combatentes adicionariam teclados, placas-mãe, programas de computador e piratas informáticos aos seus arsenais.



Um ataque cibernético em Julho de 2021 paralisou a empresa de transporte e logística Transnet, da África do Sul. AFP/GETTY IMAGES

contas malignas nas redes sociais, vírus e deepfakes de inteligência artificial (IA) são apenas algumas das ferramentas que estão a remodelar os conflitos e a abrir uma infinidade de frentes.

‘CANIVETE DIGITAL SUÍÇO’

As redes sociais podem ser uma ferramenta barata e potente para moldar novas realidades. Essas plataformas têm sido usadas para influenciar civis e ocultar abusos em países liderados por juntas militares. Grupos terroristas usam as plataformas para recrutar e influenciar a opinião pública.

“Grupos como o Boko Haram e o al-Shabaab, muitas vezes, disseminam notícias falsas, vídeos manipulados ou alegações exageradas de vitória, conteúdo gráfico para instigar o medo,” Idayat Hassan, da Nigéria, investigadora sénior do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, disse à ADF por e-mail. “Esta tática visa semear a discórdia, incitar o pânico e minar a confiança nos governos.”

O al-Shabaab tem como alvo os

jovens do Quênia e da Tanzânia por meio de publicações nas redes sociais em Swahili, disse Hassan. O grupo Estado Islâmico (IS) recrutou africanos de Gana, Nigéria e outros países para se juntar à sua luta na Síria.

Os extremistas também usam aplicativos de mensagens criptografadas, como Signal e Telegram, para proteger as suas comunicações internas e planejar ataques, disse. “Estas plataformas permitem a coordenação de ataques e a divulgação de informações a um público mais vasto.”

As redes sociais não se limitam a proporcionar aos extremistas novas formas de comunicação, “estão a remodelar fundamentalmente a própria natureza da insurgência,” o especialista em segurança Brandon Schingh escreveu num artigo publicado em Julho de 2024 para a Irregular Warfare Initiative.

Por exemplo, em 2014, o EI iniciou a sua campanha de recrutamento #AllEyesonISIS. Um grupo que começou com 12.000 a 15.000 combatentes cresceu rapidamente para 40.000,

provenientes de mais de 110 países. “Este aumento não é apenas um impulso militar; é uma prova do poder bruto das redes sociais nos conflitos modernos,” escreveu Schingh.

Ele apelidou as plataformas de “canivete digital suíço” devido às suas diversas funções potenciais.

Além de impulsionar o recrutamento, as redes sociais permitem que os malfeitores se adaptem com rapidez, “transformando cada smartphone num centro de comando,” escreveu. Da mesma forma, cada utilizador torna-se um potencial divulgador de propaganda terrorista.

O desafio da propaganda de grupos terroristas continuará a crescer à medida que o acesso à internet e às redes sociais continua a expandir-se rapidamente em todo o continente. Cerca de 300 milhões de africanos aderiram às plataformas das redes sociais em sete anos, elevando o total para 400 milhões de utilizadores activos, de acordo com um relatório do ACSS de Março de 2024. Outros 200 milhões estão a utilizar a Internet.



Um jornalista verifica um site de jornal online em Cartum, Sudão. O acesso a smartphones e à internet cresceu substancialmente em África.

AFP/GETTY IMAGES



Um cartaz em Abidjan, Costa do Marfim, alerta os cidadãos sobre os perigos da informação falsa. AFP/GETTY IMAGES

REAL OU IMAGINÁRIO?

Com o crescimento digital, vem um aumento nos dispositivos e sistemas conectados à internet, conhecidos como “a Internet das Coisas.” Muitas vezes, essas conexões recolhem, transmitem e armazenam informações privadas ou confidenciais vulneráveis à pirataria informática. A interconectividade também aumenta o risco de infecções por software malicioso em grande escala e ataques de negação de serviço. Firewalls, procedimentos de autenticação robustos e encriptação podem ajudar a resolver essas vulnerabilidades.

A última fronteira das ameaças cibernéticas às nações e às suas forças de segurança é o uso da IA. “As aplicações da IA na insurgência são tão diversas quanto preocupantes,” escreveu Schingh, acrescentando que a propaganda criada pela IA pode explorar divisões culturais e sociais, amplificando queixas e criando confusão. Isso pode influenciar a opinião pública e impulsionar o recrutamento de terroristas. Os algoritmos baseados na IA podem fazer o trabalho de um pirata informático

numa fracção do tempo, permitindo assim a recolha de enormes quantidades de dados e a interrupção das comunicações, escreveu.

Talvez o aspecto mais assustador da IA seja a sua capacidade de alterar a percepção que as pessoas têm da realidade, incluindo através de “deepfakes.” Deepfakes são ficheiros de vídeo ou áudio manipulados ou fabricados que aparentemente mostram pessoas famosas, políticos ou outros a dizerem ou fazerem coisas que não disseram nem fizeram. Imagine as ramificações de um vídeo que mostra falsamente um líder africano proferindo propaganda de um grupo terrorista. Da mesma forma, a IA poderia ser usada para manipular a voz de uma pessoa conhecida para extorquir dinheiro ou informações de alvos que presumem ser autêntica.

“Todos estão a elogiar o quanto a IA será útil para os governos africanos. Mas ninguém está a mencionar os riscos, que não são ficção científica,” Julie Owono, directora-executiva da Internet Without Borders, disse à revista Mother Jones. “Vimos o que é possível fazer com conteúdo escrito,

“Grupos como o Boko Haram e o al-Shabaab, muitas vezes, disseminam notícias falsas, vídeos manipulados ou alegações exageradas de vitória, conteúdo gráfico para instigar o medo. Esta tática visa semear a discórdia, incitar o pânico e minar a confiança nos governos.”

~Idayat Hassan, investigadora sénior do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais

“O Africa Endeavor é uma plataforma importante que nos dá a oportunidade de aprender uns com os outros, partilhar conhecimentos e promover as melhores práticas sobre como enfrentar os desafios cibernéticos.”

~ Ambrose Lwiji Lufuma,
Ministro da Defesa da Zâmbia

mas ainda nem vimos o que é possível fazer com conteúdo de vídeo.”

Já houve pré-visualizações dos problemas que o conteúdo gerado pela IA pode causar. No início de 2019, o então presidente do Gabão, Ali Bongo, passou meses fora do país para tratamento médico após um AVC, de acordo com a Mother Jones. A ausência prolongada levou a especulações sobre o seu estado, incluindo suspeitas de que ele tivesse morrido. O governo divulgou um vídeo mudo de Bongo. Para alguns, foi um alívio; para outros, uma indicação de fraude. As forças armadas do Gabão tentaram um golpe uma semana depois, citando o vídeo como prova de que algo estava errado. Um rival de Bongo chamou o vídeo de deepfake. Os especialistas estavam divididos sobre se isso era verdade, mas o dano já estava feito.

Os deepfakes não são as únicas ameaças da IA. Perfis falsos automatizados nas redes sociais e bots podem imitar a interação humana, permitindo que extremistas radicalizem e

recrute em grande escala, Hassan disse à ADF. Imagens e textos gerados pela IA podem ajudar criminosos a arrecadar dinheiro por meio de apelos humanitários fraudulentos, desviando recursos de causas legítimas. A IA também pode aumentar a capacidade dos piratas informáticos de aceder a sistemas de vigilância e infra-estruturas.

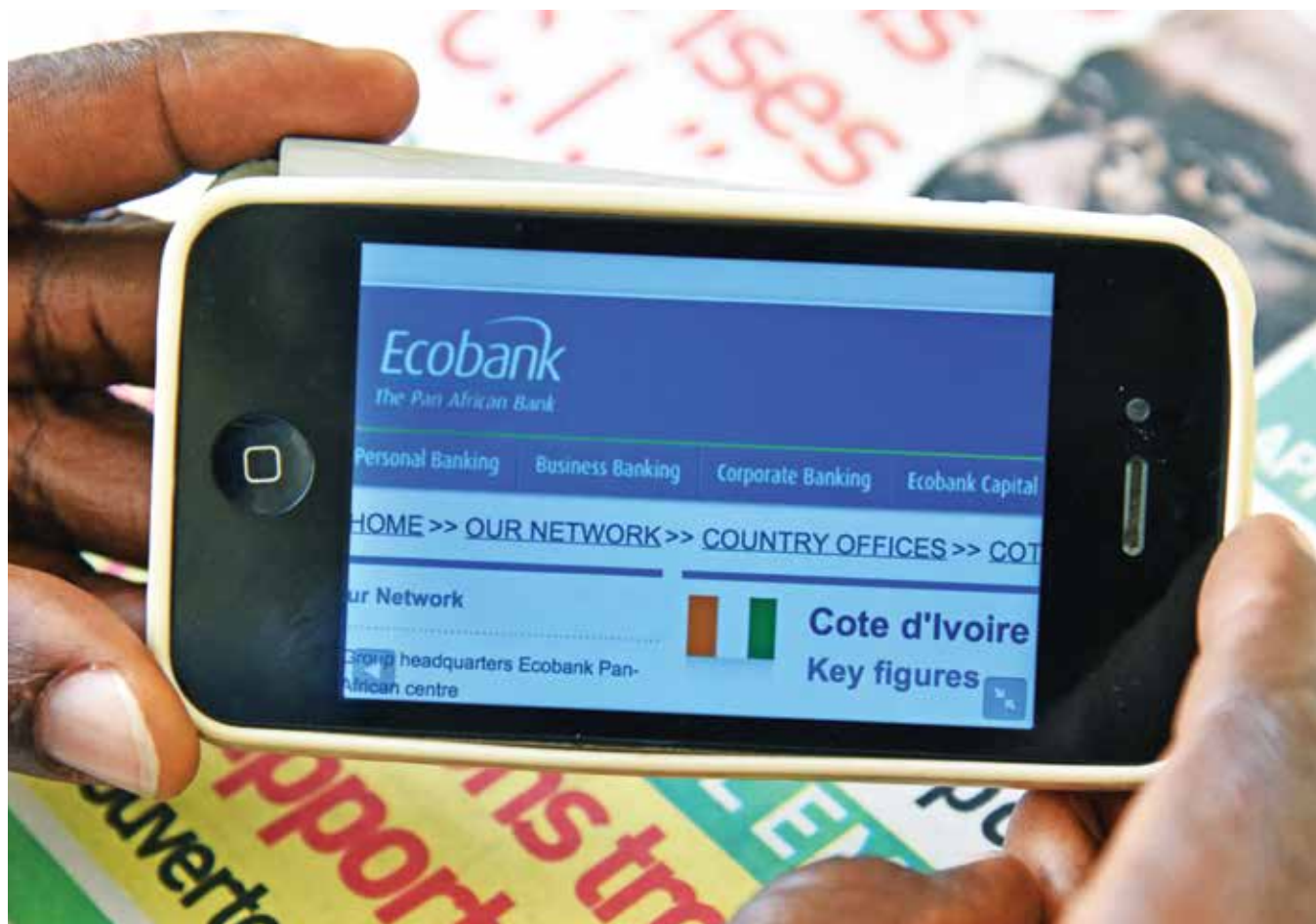
RESPOSTA DOS PAÍSES AFRICANOS

À medida que estas ameaças crescem, alguns países estão a montar defesas. O Centro Nacional de Coordenação de Segurança Cibernética da Nigéria (NCCC) lidera os esforços para estabelecer uma rede protegida contra ataques maliciosos de actores estatais e não estatais, como grupos terroristas.

O NCCC também está “a reforçar a Equipa de Resposta a Emergências Informáticas da Nigéria para melhorar as suas capacidades de detecção, resposta e mitigação de ameaças online,” afirmou Hassan. “Estes esforços incluem o combate a actores



Participantes ouvem uma apresentação no Africa Endeavor 2024, em Livingstone, Zâmbia. O simpósio anual tem como foco o melhoramento das políticas e estratégias de segurança cibernética. PHILIP REGINA/EXÉRCITO DOS EUA



A segurança cibernética é mais importante do que nunca, já que milhões de pessoas realizam transações bancárias e negócios online.

AFP/GETTY IMAGES

maliciosos e a defesa contra ataques cibernéticos que visam infra-estruturas de informação nacionais essenciais.”

Os países também estão a partilhar as suas experiências. De 29 de Julho a 2 de Agosto de 2024, especialistas militares e em segurança cibernética de todo o continente participaram no Africa Endeavor, em Livingstone, Zâmbia, para discutir estratégias e construir cooperação. O objectivo do simpósio é melhorar as capacidades de segurança cibernética nas forças armadas. A edição de 2024 centrou-se no desenvolvimento de políticas e estratégias de segurança cibernética.

“O Africa Endeavor é uma plataforma importante que nos dá a oportunidade de aprender uns com os outros, partilhar conhecimentos e promover as melhores práticas sobre como enfrentar os desafios cibernéticos,” afirmou o Ministro da Defesa da Zâmbia, Ambrose Lwiji Lufuma.

O Ministério da Defesa do Quênia co-organizou um workshop sobre o uso responsável da IA pelas forças armadas em Junho de 2024. O evento de dois dias em Nairobi reuniu pessoal de mais de uma dezena de países para aprender sobre as oportunidades e os riscos associados à IA, de acordo com a defenceWeb.

O General Charles Kahariri, Chefe das Forças de Defesa do Quênia, disse que regulamentos abrangentes são essenciais para governar o uso da IA em operações militares.

“É crucial construir capacidades locais para desenvolver, implementar e regulamentar a IA,” disse Kahariri. “Essas estruturas devem abordar questões como privacidade de dados, segurança e uso ético. Os decisores políticos devem trabalhar em estreita colaboração com tecnólogos, especialistas em ética e peritos militares para criar políticas que equilibrem a inovação com a responsabilidade.” □

“É fundamental desenvolver capacidades locais para desenvolver, implementar e regulamentar a IA. Essas estruturas devem abordar questões como privacidade de dados, segurança e uso ético.”

~ Gen. Charles Kahariri,
chefe das Forças de Defesa do Quênia



‘UMA DETERMINAÇÃO COMUM’



**Uma Conversa com o Dr. Albert Antwi-Boasiako,
Antigo Director-Geral da Autoridade de
Segurança Cibernética do Gana**



Albert Antwi-Boasiako, do Gana, à direita, assina um memorando de entendimento com o Ruanda, comprometendo as duas nações a partilhar conhecimentos e experiências sobre segurança cibernética e realizar formações conjuntas.

AUTORIDADE DE SEGURANÇA CIBERNÉTICA DO GANA

O Dr. Antwi-Boasiako é especialista em segurança cibernética que trabalhou nos sectores público e privado por mais de uma década. Em 2011, fundou a eCrime Bureau, a primeira empresa de perícia digital da África Ocidental. Actuou como especialista em segurança cibernética no Grupo Global de Especialistas em Crime Cibernético da Interpol e no Projecto Alargado de Acção Global contra o Crime Cibernético do Conselho da Europa. Em 2017, foi nomeado Conselheiro Nacional de Segurança Cibernética do Gana e chefe do Centro Nacional de Segurança Cibernética. Nesta função, ajudou a elaborar a Lei de Segurança Cibernética do Gana, que foi aprovada em 2020. Em 2021, foi nomeado director-geral da Autoridade de Segurança Cibernética do Gana, cargo que ocupou até 2025. Ele falou com a ADF a partir do seu escritório em Acra. Os seus comentários foram editados por questões de extensão e clareza.

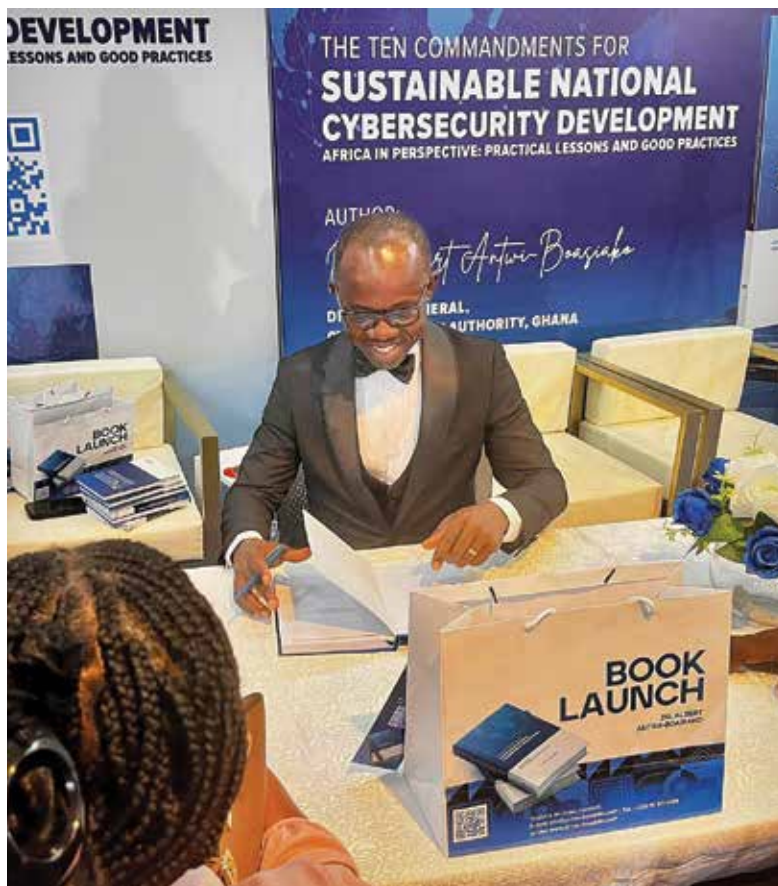
ADF: *Olhando para o panorama cibernético da África Ocidental hoje, como descreveria as ameaças de actores estatais e não estatais? Quão vulneráveis são as instituições governamentais e as infra-estruturas críticas?*

Antwi-Boasiako: Quando olho para trás, há 10 anos, as ameaças cibernéticas que a região enfrentava eram ataques de engenharia social. São os tipos habituais de burlas, como fraudes românticas e outras. Esses ataques eram mais externos por natureza. Eram originários do continente e tinham como alvo europeus e americanos. Foi nessa altura que as burlas 419 ["príncipe nigeriano"] e as

burlas Sakawa [espiritualismo] se tornaram predominantes. Mas hoje a tendência mudou. Fico feliz que tenha mencionado os riscos enfrentados pela infra-estrutura de informação crítica: bases de dados governamentais, sistemas críticos. Há uma grande transformação digital a decorrer no continente, e o Gana é um dos países que está a adoptar várias iniciativas de transformação digital: sistemas de identificação digital, sistemas portuários sem papel, administrações de justiça criminal que utilizam plataformas digitais.

Nos últimos anos, assistimos a um aumento de ataques de ransomware. A nossa análise mostra que eles são originários de agentes criminosos, e a principal motivação é o ganho financeiro. Cerca de 80% dos ataques que observamos têm motivação financeira. O dinheiro é o principal motivador disso. Mas acho que também nos preocupamos com o papel dos actores estatais, seja

◀ Durante o mandato de Antwi-Boasiako como chefe da Autoridade de Segurança Cibernética do Gana, o país foi classificado como o segundo melhor de África em termos de segurança cibernética. UNICEF



Em 2024, Antwi-Boasiako publicou um livro intitulado “Dez Mandamentos para o Desenvolvimento Sustentável da Segurança Cibernética Nacional.”

ALBERT ANTWI-BOASIAKO/X

directamente pelos Estados ou por seus representantes. Embora a posição geopolítica do Gana sempre tenha sido não alinhada, conforme interpretado pelo primeiro presidente, Dr. Kwame Nkrumah, cada vez mais antecipamos ameaças que virão de actores estatais. Como nação, estamos seriamente preparados por meio da sensibilização, da legislação, mas também por meio das nossas defesas cibernéticas, para sermos capazes de conter os ataques.

ADF: No início da década de 2000, o Gana enfrentava grandes desafios relacionados ao crime cibernético, principalmente fraude, chantagem e roubo de identidade. Pode descrever como isso afectou o país e por que vocês e outros decidiram tornar o combate ao crime cibernético uma prioridade nacional?

Antwi-Boasiako: Os crimes cibernéticos que estavam a ser cometidos eram direccionados para o exterior, mas tinham impacto aqui. Naquele período, descobrimos que, se vivesse no Gana e visse algo na Amazon ou no eBay, não poderia usar o seu cartão de crédito para fazer uma compra. Isso teve um efeito grave na adopção do comércio electrónico. Mesmo agora, existem limitações para endereços IP provenientes de regiões associadas a fraudes. É uma questão séria e afecta o investimento no país.

Gostaria de partilhar uma história. Em 2012, 2013, algo

mudou. Na altura, eu trabalhava no sector privado e ocorreu o pior ataque de comprometimento de e-mails, e a minha empresa, a eCrime Bureau, foi contratada para investigar. A fraude levou ao desvio de mais de 2 milhões de euros destinados a projectos de infra-estruturas no Gana para países terceiros. O governo e os líderes do país começaram a perceber que o 419, o Sakawa, a fraude Yahoo Yahoo, o roubo de identidade, esses crimes não são direccionados apenas a europeus ou americanos, mas são algo que está a ter um impacto sobre nós. E acho que foi aí que começou parte da nossa resposta.

ADF: Qual foi a resposta?

Antwi-Boasiako: Lembro-me que uma das primeiras conversas que tivemos foi sobre a adesão do Gana à Convenção de Budapeste [um tratado internacional destinado a harmonizar a resposta global ao crime cibernético]. No caso que investiguei, o dinheiro tinha sido transferido para dois países diferentes e os endereços IP estavam localizados em quatro continentes diferentes. A questão era: “Como investigar crimes transfronteiriços desta natureza?” É necessária cooperação internacional e são necessárias ferramentas disponíveis para poder colaborar com diferentes países. O Gana agiu rapidamente para ratificar a Convenção de Budapeste e começou a criar legislação para reforçar a resiliência ciber-

nética do país e a trabalhar na protecção das crianças na internet. Foi a proliferação destes crimes e ataques que levou o governo a tomar medidas sérias. Devo dizer que, em certa medida, tudo começou com o que chamamos de sensibilização. Quando os ataques passaram a ser direccionados para dentro do país, os decisores políticos e os actores políticos começaram a compreender que a questão do crime cibernético não se resumia a alguns rapazes pobres com competências para defraudar e ganhar algum dinheiro, mas que tinha consequências graves.

ADF: O senhor disse que, em África, a abordagem à segurança cibernética precisa de ser mais sistemática e menos ad hoc. O que quer dizer com isso?

Antwi-Boasiako: Penso que a dimensão do problema exigiu uma mudança. Precisamos de sistematizar o processo. É necessário abordar certos imperativos: política, estratégia, estabelecimento de um quadro institucional, e foi por isso que foi criada a Autoridade de Segurança Cibernética do Gana. Alguns países africanos estão a fazer o mesmo. O Gana lidera a Rede Africana de Autoridades da Segurança Cibernética e, actualmente, temos cerca de 20 países com agências dedicadas a questões de segurança cibernética.

ADF: O Gana também criou uma Equipa de Resposta a Incidentes Informáticos, ou CIRT. Pode descrever o que esta equipa faz e como ajuda a defender o país contra ataques cibernéticos?

Antwi-Boasiako: Apesar dos esforços que temos feito, um dia um ataque irá acontecer. É uma questão de quando, não de se. Portanto, é imperativo ter um sistema CIRT eficiente. O Gana adoptou o que chamamos de sistema CIRT descentralizado, no qual temos um CIRT nacional e outros CIRT sectoriais. O sector bancário, as tecnologias financeiras, os seguros, todas as entidades relacionadas com finanças estão agrupadas num CIRT sectorial. O Banco do Gana é o nosso líder nessa área específica. Isso significa que os incidentes são coordenados dentro do sector e, em seguida, trabalham em estreita colaboração com o CIRT nacional.

Temos um CIRT para as bases de dados governamentais, outro para as telecomunicações e um terceiro para a segurança nacional. É assim que está a nossa configuração em termos do ecossistema CIRT como país. Existem diferentes modelos, dependendo de como funciona a estrutura interna do governo, mas tivemos de adoptar este, porque existem vários órgãos reguladores fortes que acreditamos que, se trabalharmos através deles, podemos alcançar melhor a conformidade.

ADF: O senhor disse que apenas cerca de 35% a 40% dos ganeses têm conhecimentos básicos sobre segurança cibernética. Por que isso é perigoso e como pode ser melhorado?

Antwi-Boasiako: Acho que, se me perguntar agora, posso até rever esse número, porque [35% a 40%] pode ser ambicioso. A sensibilização para os riscos cibernéticos é a questão mais importante. A diferença entre a utilização de dispositivos digitais pelos cidadãos e a sua sensibilização para os riscos cibernéticos continua a aumentar. Principalmente agora, com o uso de truques baseados na IA. Há vídeos e imagens a serem manipulados usando sistemas de IA, e os cidadãos estão realmente indefesos. Às vezes, mesmo para um olho experiente, torna-se bastante difícil distinguir entre o que é autêntico e o que não é. Há um medo crescente de que, à medida que a tecnologia evolui, o nível de consciência dos nossos cidadãos se torne bastante baixo. Isso está a ter um impacto enorme.

Uma das coisas que fazemos todos os anos é o Mês Nacional da Consciencialização Cibernética, através do qual envolvemos os cidadãos o máximo possível. Também usamos plataformas das redes sociais para emitir alertas de segurança quando vemos uma tendência comum, porque os crimes de baixo nível também são crimes organizados. Às vezes, há golpistas que se instalam num



O Tenente-General Thomas Opong-Peprah discursa durante o Mês da Consciencialização Cibernética em Burma Camp, Acra. O Gana tem trabalhado para aumentar a consciência cibernética em todas as fileiras das Forças Armadas e fortalecer as defesas contra ataques cibernéticos.

FORÇAS ARMADAS DO GANA

apartamento e o seu trabalho é apenas golpear e ganhar dinheiro. Os fundos são pequenos, mas o volume agregado é bastante grande. Os efeitos cumulativos em termos de perdas para os cidadãos são significativos.

Tentamos partilhar informações, sensibilizar e educar o público, mas devo dizer que ainda existem algumas lacunas que precisamos de colmatar. Precisamos de chegar aos nossos cidadãos que podem não saber ler em Inglês. No Gana, a inclusão financeira tem uma elevada penetração. Nas aldeias remotas, todos utilizam transacções monetárias móveis. Todos são alvos potenciais. Até a minha mãe idosa na aldeia é um alvo potencial para os defraudadores.

ADF: Todos os anos, durante o Mês Nacional da Consciencialização de Segurança Cibernética, as Forças Armadas do Gana realizam eventos para o seu pessoal. Que papel acha que as forças armadas podem e devem desempenhar no apoio à segurança cibernética?

Antwi-Boasiako: O papel das forças armadas em termos de resposta a incidentes é muito consistente com o mandato de uma força armada típica. Qual é o papel das forças

armadas? Lidar com a integridade territorial e a defesa nacional do país. Certamente, o papel das forças armadas é proteger os seus sistemas internos, porque esses são alvos potenciais para um inimigo. Na minha opinião, a defesa cibernética é tanto defensiva quanto ofensiva. Essa é uma área que está em desenvolvimento. Acho que o plano é, à medida que você moderniza as suas forças armadas e introduz mais sistemas centrados em redes para torná-las eficientes e compatíveis com a tecnologia, a sua defesa interna também precisa ser reforçada.

ADF: Hoje, o continente tem cerca de 20.000 profissionais treinados em segurança cibernética, o que representa cerca de um quinto do total necessário, de acordo com a empresa de segurança cibernética CrowdStrike. O que precisa ser feito para expandir as oportunidades de formação e emprego para jovens profissionais de segurança cibernética?

Antwi-Boasiako: Essa é uma questão importante, a questão das competências. O governo precisa de profissionais de segurança cibernética para proteger o país, o sector privado precisa deles, a justiça criminal precisa deles. O sistema educativo precisa de professores para transmitir

A TAXA DE PENETRAÇÃO DA INTERNET NO GANA AUMENTOU DE POUCO MAIS DE 50% EM 2020 PARA 70% EM 2024.



Pessoas usam computadores num internet café em Acra. GETTY IMAGES

conhecimentos e competências à nova geração de profissionais que está a ser formada nas nossas universidades. As necessidades existem. O que o Gana começou a fazer foi introduzir o que chamamos de sistema de acreditação, que consiste basicamente em registar os profissionais de segurança cibernética em três níveis e também numa categoria geral. Por um lado, temos certos profissionais que estudaram e trabalharam no estrangeiro e regressaram ao país. Esses profissionais são muito bons, têm exposição, têm experiência, mas são bastante caros. A estratégia tem sido contratar um, dois ou três deles e, depois, contratar jovens bastante talentosos que saem das nossas universidades, que podem ser estagiários.

O registo está a ajudar-nos a identificar aqueles que estão na base, para que possamos ter uma política para que os mais experientes, os mais qualificados, possam apoiá-los através de formação profissional. Essa é uma área com a qual começámos a lidar: o desenvolvimento da força de trabalho. Penso que, em termos gerais, o plano é fazer uma investigação para determinar as competências que temos e quantas são necessárias. Essa é uma área que também estamos a analisar para garantir que desenvolvemos as competências necessárias. Precisamos de ter os números e saber quantos temos no sistema. Sem isso, é muito difícil determinar quantos mais se quer adicionar.

ADF: Em 2024, o Gana foi classificado como um país de nível 1 em segurança cibernética no Índice Global de Segurança Cibernética, o nível mais alto. Foi o segundo país africano com a melhor classificação, com uma pontuação acumulada de 99%. Quais são os seus objectivos para o futuro e em que áreas gostaria de ver o Gana melhorar?

Antwi-Boasiako: Acho que fez uma pergunta pessoal, por isso, vou responder pessoalmente. Tenho orgulho de ver um país em desenvolvimento iniciar esta jornada do nada. Em 2017, quando fui nomeado, o nível do [Índice Global de Segurança Cibernética da União Internacional de Telecomunicações] era de cerca de 32%. E, em 2024, o aumento percentual foi bastante impressionante [para 99%]. Devo dizer que o compromisso político é o denominador comum. Tivemos a sorte de ter esse compromisso político para nos impulsionar. Também tivemos a sorte de contar com uma equipa de técnicos e funcionários qualificados que nos ajudaram a alcançar este marco.

Acho impressionante contar a história de que se pode ser um país em desenvolvimento – e o Gana não é um país rico –, mas acho que a determinação e o foco comuns realmente nos colocaram numa posição séria. Tenho orgulho de dizer que algumas coisas que introduzimos aqui estão agora a ser aprendidas por outros países: licenças e acreditação. Outros países ocidentais estão a contactar-nos para aprender como fizemos isso, protecção de infra-estruturas críticas de informação, protecção de crianças na internet. Quando digo que estou orgulhoso, é porque somos um contribuinte líquido para o desenvolvimento da segurança cibernética por meio das melhores práticas. Foi uma conquista digna de orgulho.



Um cliente compra produtos usando um telemóvel em Acra. A adopção de sistemas de pagamento electrónico e serviços bancários móveis no país exige maior vigilância contra o crime cibernético. REUTERS

Nos próximos anos, espero que o mesmo compromisso político continue, espero o mesmo espírito de foco e motivação. Olhe, o país está a digitalizar-se. Não temos opções, não temos desculpas. Temos de desenvolver a nossa competência cibernética e os nossos sistemas de segurança cibernética para poder defender os investimentos que estamos a fazer.

ADF: Publicou recentemente um livro intitulado “Dez Mandamentos para o Desenvolvimento Sustentável da Segurança Cibernética Nacional.” Por que achou importante escrever este livro e o que espera que os leitores retirem dele?

Antwi-Boasiako: O livro foi escrito para o público em geral. Não é técnico; é fácil de ler. É esse o feedback que tenho recebido. O desenvolvimento da segurança cibernética de uma nação é um empreendimento multidimensional. É errado pensar nisso apenas como um empreendimento técnico. É preciso envolver todas as facetas da sociedade. É preciso a sociedade civil, é preciso a justiça criminal, é preciso a defesa nacional, é preciso a comunidade empresarial, a indústria, é preciso parceiros internacionais. Na comunicação, é necessário ter uma linguagem comum a todos. A motivação veio da minha própria experiência. Vi que os países africanos estão a dar passos importantes; existem algumas iniciativas. Mas o problema era que elas não estavam integradas; não foram programadas de forma a ter um impacto colectivo. Faltava coordenação e, em alguns casos, havia duplicação. Precisamos de um princípio orientador, e foi por isso que usei a expressão “Dez Mandamentos.” Estas são 10 áreas em que qualquer pessoa que pegar no livro, independentemente da sua posição, pode desempenhar um papel. E uso a palavra “mandamento” porque cada um deles é imperativo; são coisas que têm de ser feitas. □



GOVERNOS PARALELOS

Usando Extorsão Disfarçada de Impostos, Grupos Terroristas Tentam Manter o Poder nas Áreas que Controlam

EQUIPA DA ADF | FOTOS DA REUTERS

A Somália, que está mergulhada em conflitos desde 2009, tem agora dois sistemas que lutam pelo controlo: o governo federal, os governos regionais e locais estabelecidos e o grupo extremista al-Shabaab.

Embora fragmentado por anos de derrotas militares e lutas internas entre os seus líderes, o grupo alinhado com a al-Qaeda continua a ser uma presença importante na Somália, onde continua a tentar impor o seu rigoroso sistema de leis fundamentalistas. O grupo gera uma receita enorme, estimada em 100 milhões de dólares por ano, em comparação com os 300 milhões de dólares arrecadados pelo governo nacional.

As receitas do al-Shabaab sustentam uma rede bem armada de 5.000 a 10.000 combatentes. O dinheiro permite ao grupo financiar canais de abastecimento regionais, mantendo o que a investigadora Wendy Williams chama de “presença fantasma” de um governo alternativo em todo o país.

“O al-Shabaab extorque receitas de vários aspectos da vida quotidiana somali — desde portagens rodoviárias a impostos sobre a propriedade —, aproveitando a sua reputação cultivada de onnipresença e intimidação,” Williams escreveu num estudo de 2023 para o Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS). “O al-Shabaab também comprometeu várias agências governamentais, incluindo, por exemplo, a aquisição de manifestos de carga de funcionários portuários, o que lhe permite extorquir as companhias de navegação à chegada.”

Os “impostos” do grupo não passam, na verdade, de extorsão.

“A sua tributação produz alguns serviços para aqueles que vivem sob o grupo, bem como alguns serviços disponíveis para aqueles que utilizam os tribunais ou estradas do grupo,” Tricia Bacon escreveu para o

Programa sobre Extremismo, da Universidade George Washington. “Mas as exigências do sistema de extorsão superam os serviços prestados e proporcionam principalmente protecção contra o grupo. Ele ameaça, sequestra e até mata aqueles que não pagam os seus impostos. O grupo tornou-se tão eficaz na extorsão que tem um excedente anual, e alguns argumentam que, neste momento, é mais uma máfia do que uma organização ideológica.”

O grupo terrorista tem usado o seu dinheiro para minar muitos dos serviços tradicionais do governo, incluindo o seu sistema judicial. Funcionários do governo dizem que há pessoas que recorrem aos “tribunais” do al-Shabaab para obter justiça porque as decisões dos tribunais do governo não são cumpridas.



Um agente da polícia somali especializado em neutralização de engenhos explosivos prepara-se para detonar minas e granadas recuperadas nos arredores de Mogadíscio.

“Para aqueles que os utilizam voluntariamente, os factores de atracção incluem uma reputação de níveis mais baixos de corrupção, menos discriminação com base no clã e uma elevada capacidade de aplicação da lei em comparação com o sistema judicial do governo,” Omar Mahmood, do International Crisis Group, disse à Voz da América. “Os tribunais em si nem sempre são tão sofisticados e a ameaça de forças brutais sustenta-os, mas, no final das contas, eles têm-se mostrado mais eficazes em atender às necessidades de algumas populações.”

O grupo terrorista explora lacunas na governação nacional, oferecendo parcerias e reforçando os líderes locais das milícias clânicas nos Estados de Hirshabelle e Galmudug.

Pessoas retiram água de um poço perto de um campo em Tinzaouaten, no norte do Mali. O terrorismo deslocou mais de 330.000 pessoas no país.



EM TODO O CONTINENTE

Outros grupos terroristas em África exploram cada vez mais as lacunas nos serviços governamentais para estabelecer governos paralelos, que oferecem estruturas de poder alternativas que, por vezes, prestam serviços sociais, aplicam leis e cobram impostos. Para além da Somália, partes do Burquina Faso, da República Democrática do Congo, do Mali e da Nigéria ficaram sob o controlo de terroristas e grupos renegados.

No Mali, o grupo afiliado à al-Qaeda Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM) tornou-se uma força controladora e está a espalhar a sua influência para outras partes do Sahel. Além de impor uma interpretação severa da Sharia, está a agir como uma força de segurança e uma rede de protecção.

O grupo terrorista é responsável por milhares de mortes nos últimos anos. Juntamente com a sua violência directa, o JNIM controla o acesso a serviços básicos, capital e transportes, "permitindo-lhe exercer pressão sobre os aspectos fundamentais da vida quotidiana que podem levar ao lento desaparecimento dos meios de subsistência de todos os civis," segundo a investigadora Tammy Palacios, escrevendo para o New Lines Institute em 2024. "Isso explica o sucesso do JNIM na expansão do seu controlo." Ela observou que o grupo interrompeu a circulação de civis e o acesso a alimentos, água,

comunicações móveis, electricidade e outros serviços.

"O JNIM realiza controlos nas estradas dentro das áreas sob seu controlo," escreveu Palacios. "Os combatentes do JNIM param veículos de passageiros, camiões comerciais, camionetas que transportam mercadorias e gado e autocarros de transporte. 'Impostos' sobre esses bens são comuns, assim como saques descarados. O JNIM vende o gado que rouba noutros locais. Tem os seus tentáculos em quase todos os aspectos da sociedade nas áreas que controla."

Na Nigéria e noutras partes do Sahel, o Boko Haram e a al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI) estabeleceram formas de governação paralela, adoptando abordagens diferentes com vários níveis de sucesso. No seu auge, em 2014 e 2015, o Boko Haram controlava uma grande parte do nordeste da Nigéria, tendo-a declarado um califado. Durante esse período, impôs a sua interpretação rigorosa da Sharia, cobrou impostos e prestou alguns serviços básicos em algumas áreas remotas em troca de apoio.

Os investigadores afirmam que a governação do Boko Haram tem sido mais brutal do que a de outros grupos terroristas, baseando-se fortemente no medo e na violência. Num relatório de 2025, a Modern Diplomacy afirmou que a ideologia do Boko Haram é que "o terrorismo é frequentemente justificado através da retórica religiosa, embora o grupo interprete mal os



Mulheres aguardam para receber alimentos durante o Ramadão no campo de Mugunga para pessoas deslocadas internamente, na República Democrática do Congo. O grupo rebelde M23 é responsável pelo seu deslocamento.

principais textos islâmicos.”

“Factores como a baixa escolaridade, a pobreza, a influência política e crenças erradas impulsionam as suas acções violentas,” segundo o relatório. “Os ataques do Boko Haram a mesquitas e igrejas, onde muitas pessoas foram mortas enquanto rezavam, mostram que as suas motivações vão além da religião e incluem interesses próprios.”

O governo paralelo do Boko Haram consiste quase inteiramente em repressão, com poucos serviços sociais oferecidos. O grupo destruiu centenas de postos de saúde durante o seu reinado de terror e ficará para sempre associado ao sequestro de 276 meninas e mulheres jovens na região de Chibok, na Nigéria, em 2014.

A AQMI tem mantido um perfil discreto nos últimos anos, abstendo-se de realizar ataques terroristas, de acordo com a Critical Threats. O Conselho de Relações Exteriores afirma que a ideologia da AQMI “mistura o dogma salafista-jihadista global com elementos regionais, incluindo referências à conquista islâmica do Magrebe e da Península Ibérica.” Analistas afirmam que o grupo se concentrou em construir alianças com comunidades locais e explorar redes criminosas. As suas táticas incluem fornecer protecção ao longo de rotas de comércio ilícito, trabalhar com redes de contrabando e



Crianças sentadas no campo de deslocados de Muja, perto de Goma, província de Kivu do Norte, na República Democrática do Congo.

oferecer incentivos financeiros às comunidades.

Na RDC, o grupo rebelde M23 estabelece administrações locais, cobra impostos a empresas e indivíduos e fornece alguns serviços básicos. Num relatório de 2024, os investigadores concluíram que o M23 procurava obter poder político local a longo prazo no leste da RDC, utilizando disputas históricas por terras, marginalização política e tributação ilícita para expandir e consolidar a sua autoridade.

“A estratégia disruptiva do M23 visa substituir as autoridades congoleesas e reformar a governação local nas áreas que controla no leste da RDC,” os

Rede de Espionagem DO AL-SHABAAB

EQUIPA DA ADF

Dentro do grupo terrorista al-Shabaab, um serviço secreto conhecido como Amniyat é particularmente temido como força disciplinar e agência de espionagem.

O al-Shabaab inclui três órgãos de segurança independentes: o Hesbat, o Jabhat e o Amniyat. O Hesbat, com a ajuda da sua polícia religiosa, implementa uma versão severa da Sharia nos territórios sob o controlo do al-Shabaab. O Jabhat é especializado em comunicação, explosivos, logística, medicina e meios de comunicação social. É responsável por operações que envolvem unidades militares, afirmam os investigadores. O Amniyat é a unidade de inteligência de facto, uma rede de espões.

Hussein Sheikh-Ali, ex-conselheiro de segurança do presidente somali, afirmou: “O Amniyat é a veia da organização. É todo-poderoso. Se o Amniyat fosse destruído, não haveria al-Shabaab.”

Os agentes secretos estão em todo o lado. Os investigadores afirmam que o Amniyat recruta funcionários locais e governamentais como informadores que fornecem informações para ataques em Mogadíscio e outras partes do país.

“É o ramo mais temido, integral e organizado do al-Shabaab,” os investigadores Gábor Sinkó e János Besenyő escreveram num estudo de 2023 para a revista *Connections: The Quarterly Journal*. “Parece que o Amniyat usa inteligência e contra-inteligência para fornecer análises críticas das vulnerabilidades dos seus oponentes. O serviço secreto recruta os seus membros entre os combatentes do grupo; no entanto, a fonte de recrutamento mais importante são os residentes locais, que são abordados com base em recomendações de informantes confiáveis e pagos. Embora um número crescente de mulheres encontre abrigos seguros,

transmita mensagens e forneça alimentos, a maioria dos seus agentes são homens jovens instruídos.”

A ala de inteligência tem cerca de 500 a 1.000 membros, dizem os investigadores. Além da inteligência, opera actividades clandestinas e planeia ataques.

“Como muitas organizações terroristas, o al-Shabaab dedica muitos recursos à sobrevivência do grupo,” o investigador Bobby Payne escreveu num relatório de 2024 para a empresa de inteligência Grey Dynamics, sediada em Londres. “É aqui onde as operações do Amniyat são vitais. Encarregou os agentes do Amniyat de incutir medo nos membros do al-Shabaab por todos os meios necessários. São uma organização onisciente que tem como objectivo limitar a dissidência dentro do grupo e impedir a penetração de organizações de inteligência do Estado, sobretudo a [Agência Nacional de Inteligência e Segurança] da Somália.”

Os seus métodos, segundo Payne, incluem prisão, assassinato e execução de potenciais espões e daqueles que eles acreditam não serem totalmente leais à causa do grupo.

O Amniyat também lida com as finanças do al-Shabaab, relatou Payne.

“Eles obtêm a maior parte do financiamento através da tributação de empresas locais,” escreveu. “Principalmente veículos que transportam mercadorias através do território controlado pelo al-Shabaab. A população do sul da Somália, em grande parte controlado pelo al-Shabaab, paga três impostos: o imposto do al-Shabaab, o imposto do Estado Islâmico e o imposto normal do governo. Como resultado, o al-Shabaab arrecada 15 milhões de dólares por mês em impostos ilegais.”

investigadores Ken Matthysen e Peer Schouten escreveram na revista *The Conversation Africa*. “Muitos congoleses com quem falámos consideram que o principal objectivo do M23 é controlar o poder a nível local, minando as autoridades existentes.”

Um aspecto fundamental da governação paralela do M23 é o controlo e a exploração dos abundantes recursos naturais do país, tais como minério de ferro, diamantes com qualidade de gema, ouro e carvão. O M23 utiliza os recursos para gerar receitas, criar incentivos económicos para obter apoio local e estabelecer ligações internacionais através de redes de comércio ilegal.

AMEAÇA REGIONAL

A governação paralela dos grupos terroristas e rebeldes em África ameaça não só países individuais, mas também regiões inteiras. Essa governação põe em risco a legitimidade do Estado e pode abrir caminho para líderes golpistas que prometem reafirmar o controlo.

A governação proporcionada por grupos terroristas geralmente significa extorsão sem benefícios reais, além de alguma protecção — uma prática, muitas vezes, chamada de máfia. É caracterizada por violência, controlo ideológico rigoroso e exploração de recursos locais. A sustentabilidade a longo prazo destas



Pessoas deslocadas internamente caminham para o Parque Nacional de Virunga para cortar árvores na República Democrática do Congo.

estruturas de governação paralela é duvidosa, visto que enfrentam desafios das forças estatais e de actores não estatais concorrentes.

Ultrapassar esta questão requer uma abordagem multifacetada que vá além das soluções militares. O reforço das instituições estatais, a resolução das queixas subjacentes e a oferta de alternativas económicas viáveis são passos cruciais para minar o apelo e a eficácia da governação paralela pelas forças irregulares. Na Somália, de acordo com o investigador Williams, o governo deve impedir os fluxos de receitas do al-Shabaab, dando prioridade ao profissionalismo das agências responsáveis pelas funções financeiras, de inteligência e judiciais. O caso dos esforços de reconciliação do Mali com os rebeldes Tuaregues oferece um modelo potencial para enfrentar esses desafios por meios políticos, em vez de depender exclusivamente da força militar.

À medida que África continua a enfrentar desafios de governação e extremismo violento, compreender e abordar a governação paralela por actores não estatais será crucial para promover a estabilidade e o desenvolvimento. À medida que os países lutam para coordenar respostas militares para prevenir insurgências extremistas, devem agir rapidamente para enfrentar as falhas estruturais e vulnerabilidades que permitem que



Soldados congolese montam guarda durante uma visita de funcionários do Ministério da Defesa em Fevereiro de 2025.

grupos extremistas violentos se estabeleçam, incluindo as difíceis questões dos direitos à terra e da alocação de recursos naturais.

“Seja no Benin, na Costa do Marfim, no Gana ou no Togo, as relações dentro e entre as comunidades rurais são frágeis, assim como as relações dos cidadãos com as autoridades locais, as forças de segurança e os grupos de autodefesa,” escreveu Anouar Boukhars, do ACSS, em 2023. “É, portanto, fundamental que os Estados redobrem os seus esforços para gerir os conflitos ao nível comunitário, reforçar os mecanismos locais de resolução de conflitos e supervisionar os grupos de autodefesa locais.”

Ao demonstrar que são capazes de prestar serviços, segurança e justiça de forma fiável, os países africanos podem tornar mais difícil para os grupos terroristas e rebeldes subverter governos legítimos. □

UM **REDUTO** CONTRA **O EXTREMISMO**

**Países Costeiros Priorizam
Segurança e Serviços Sociais para
Impedir o Avanço dos Terroristas**





A Academia Internacional de Combate ao Terrorismo da Costa do Marfim, em Jacqueville, treina forças antiterroristas da região. AFP/GETTY IMAGES

EQUIPA DA ADF

O terror chegou ao Benin em 2019. Extremistas baseados no Sahel surgiram do Parque Nacional Pendjari e sequestraram dois turistas franceses e o seu guia.

Desde então, uma onda de incursões tem assolado o país, aumentando a cada ano que passa.

O Benin destacou 3.000 soldados para o norte no âmbito da Operação Mirador para impedir ataques militantes contra civis, forças de segurança e guardas-florestais no Complexo W-Arly-Pendjari (WAP), que inclui território do Benin, Burkina Faso e Níger. Militantes baseados no Sahel intensificam os ataques ao Benin e ao Togo e aproximam-se da Costa do Marfim, Gana, Guiné, Mauritânia e Senegal.

“O número anual de eventos violentos ligados a grupos militantes islâmicos dentro e num raio de 50 km das fronteiras dos vizinhos costeiros da África Ocidental do Sahel aumentou mais de 250% nos últimos dois anos, ultrapassando 450 incidentes,” segundo os investigadores Daniel Eizenga e Amandine Gnanguênon num relatório de Julho de 2024 para o Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS).

Essa tendência mortal continuou no dia 8 de Janeiro de

◀ Um guarda-florestal monta guarda no Parque Nacional de Pendjari, no Benin. O complexo de parques tornou-se um refúgio para extremistas violentos que se espalham do Sahel para o Benin.

AFP/GETTY IMAGES

2025, quando militantes atacaram as forças da Operação Mirador, matando 28 soldados no departamento de Alibori, que faz fronteira com Burkina Faso, Níger e Nigéria.

“Sofremos um golpe muito duro,” o coronel beninense, Faizou Gomina, chefe do Estado-Maior da Guarda Nacional, disse à BBC. Gomina disse que a posição atacada era “uma das mais fortes e militarizadas” e apelou aos comandantes para reforçarem as operações para evitar mais ataques. A associação extremista ligada à al-Qaeda conhecida como Jama’at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM) reivindicou a responsabilidade. Uma fonte militar disse à Agence France-Presse que os soldados mataram 40 militantes em resposta.

“Acordem, oficiais e chefes de secção, temos batalhas a vencer,” disse Gomina.

UMA AMEAÇA CRESCENTE

Os líderes terroristas reuniram-se no centro do Mali em Fevereiro de 2020 para discutir a expansão para o Golfo da Guiné, principalmente através do Benin e da Costa do Marfim, e atacar as bases militares dessa região.

As autoridades de segurança francesas afirmaram que a reunião contou com a presença de líderes da al-Qaeda no Magrebe Islâmico, Ansar al-Dine, JNIM e Frente de Libertação de Macina.

Desde essa reunião, a segurança no Sahel deteriorou-se



significativamente. Uma série de golpes de Estado no Sahel, em Burquina Faso, Mali e Níger; a demissão das forças de segurança ocidentais; e a dependência excessiva de táticas brutais de mercenários russos levaram a uma deterioração da segurança. Os ataques e as mortes têm aumentado constantemente. Os países costeiros viram a segurança das suas fronteiras enfraquecer, apesar dos esforços para reforçá-la.

“A rápida expansão para oeste e sul da violência islâmica militante no Mali, Burquina Faso e Níger nos últimos anos aumentou drasticamente o número de eventos violentos que se espalharam pelas fronteiras dos países costeiros da África Ocidental, da Mauritânia à Nigéria,” Eizenga e Gnanguênon escreveram para o ACSS. “Embora a maior parte da atenção tenha-se centrado no Benin e no Togo, ocorreram duas dezenas de incidentes extremistas violentos no Mali, a menos de 50 km das fronteiras da Mauritânia, do Senegal e da Guiné — em regiões onde, até recentemente, havia pouca ou nenhuma actividade.”

ÁREAS DE PREOCUPAÇÃO

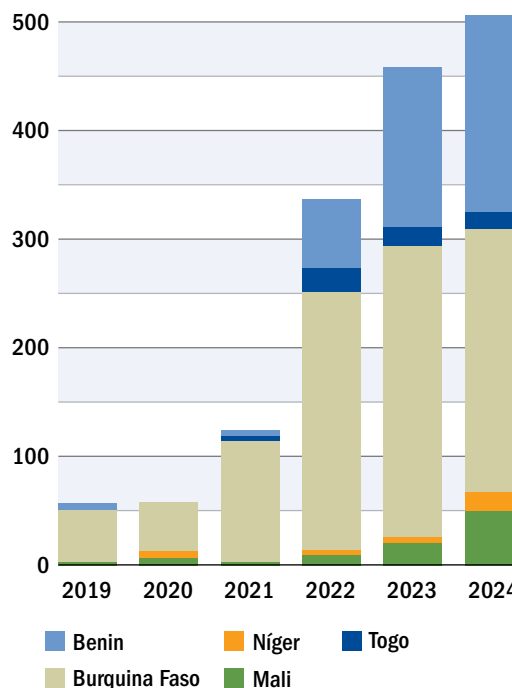
Um dos dois pontos críticos é onde Burquina Faso, Costa do Marfim e Mali se encontram. Burquina Faso e Mali dependem do porto de Abidjan para uma percentagem significativa das importações nacionais. Burquina Faso envia mais de metade das suas exportações através de Abidjan, de acordo com o ACSS.

A rota também está repleta de minas de ouro artesanais. As minas, as rotas comerciais e as redes de tráfico representam alvos atraentes para os extremistas.

O Complexo WAP transnacional, com 26.361 quilómetros quadrados, representa uma segunda fonte de perigo para os países costeiros, principalmente Benin e Togo. Militantes afiliados ao JNIM infestam o complexo desde 2018, de acordo com o ACSS. O Estado Islâmico no Grande Sahara infiltrou-se no parque pelo lado nigerino.

Os extremistas aliaram-se a contrabandistas regionais

Eventos Violentos de Militantes Islâmicos nos Países Costeiros e Num Raio de 50 Km Destes Países



Fonte de dados: Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos

Nota: A Costa do Marfim registou um total de 18 eventos violentos e a Mauritânia registou quatro desde 2019.

que transportam cigarros, medicamentos e produtos falsificados, combustível, ouro e armas através dos parques, segundo o ACSS.

Vários corredores económicos importantes passam pelo Complexo WAP, incluindo Ouagadougou-Lomé, Niamey-Lomé, Niamey-Cotonou, Ouagadougou-Akra e Niamey-Ouagadougou. Cerca de dois terços das importações do

Complexo WAP



ILUSTRAÇÃO ADAPTADA DE UM MAPA DE GREGOR ROM

Burquina Faso entram no Benin através desses corredores. O corredor Niamey-Cotonou movimentava mais de metade do comércio do Níger, de acordo com o ACSS. Os militantes ameaçam todas estas rotas.

ESFORÇOS NACIONAIS

Em meio a essas ameaças, os países costeiros tomaram medidas para proteger a sua soberania e impedir que cidadãos vulneráveis sucumbam ao canto das sereias do extremismo.

Eis alguns desses esforços:

O **Benin** tem enfrentado algumas das ameaças mais persistentes, como ressaltado pelo ataque de Janeiro de 2025. A criação da Agência Beninense para a Gestão Integrada das Zonas Fronteiriças combinou segurança e desenvolvimento em áreas vulneráveis.

As autoridades beninenses também chegaram a um acordo com o Níger em meados de 2022 para combater o extremismo ao longo da sua fronteira comum. No entanto, um ano depois, uma junta militar derrubou o governo



Aldeões de Kwacha pescam no rio Níger, perto de Gaya, na fronteira do Níger com o Benin.

AFP/GETTY IMAGES



Um soldado da Costa do Marfim garante a segurança em Tougbo, onde o governo lançou um plano de ajuda aos jovens. AFP/GETTY IMAGES

democraticamente eleito do Níger e pôs fim ao acordo. As negociações sobre um plano unificado de segurança e gestão para o Complexo WAP também foram suspensas.

Entre 2021 e 2023, o Benin investiu 130 milhões de dólares nas suas forças de segurança, incluindo um posto de inteligência no Parque Nacional de Pendjari e oito bases militares estrategicamente localizadas nos parques, de acordo com a revista New Lines.

Uma dessas bases, em Kourou-Koalou, fica no ponto de encontro entre o Benin, o Burkina Faso e o Togo e está equipada com artilharia pesada e tanques, informou a New Lines. O contingente de 3.000 soldados da Mirador é apoiado por mais 4.000 que se revezam sazonalmente, segundo o ACSS. Outras 1.000 forças locais ajudam a fornecer informações de inteligência. Todos trabalham com a African Parks, um grupo de conservação com sede na África do Sul que gere o lado do Benin do Parque Pendjari e reservas.

A **Costa do Marfim** respondeu à ameaça de ataques transfronteiriços reforçando a sua presença de segurança regional e investindo em programas socioeconómicos. Em 2022, o governo lançou o Programa de Combate à Fragilidade nas Zonas Fronteiriças do Norte. Este programa combina uma presença militar reforçada com investimentos em infra-estruturas e programas sociais destinados aos jovens.

O objectivo é dar aos jovens de seis regiões do norte ferramentas para resistir aos apelos extremistas. Por exemplo, o programa pagou a Samuel Yeo, um criador de porcos em Ouaragnéné, 1 milhão de francos CFA, o que o ajudou a mais do que triplicar o seu número de animais para 70. A certa altura, ele vendia 10 cabeças por 150.000 a 200.000 francos CFA por mês e tinha dois pequenos restaurantes onde vendia carne de porco cozida.

Menos de um ano após o seu início, o programa já tinha apoiado 23.892 pessoas, de acordo com um relatório do governo. A iniciativa ajudou mais de 30.000 beneficiários em 2023. O programa centra-se no trabalho intensivo, na formação, na geração de rendimentos, nas micro e pequenas empresas, nos subsídios aos trabalhadores do

Um homem caminha de Burkina Faso para o norte do Gana. Os países costeiros tornaram-se a linha da frente na guerra jihadista do Sahel. AFP/GETTY IMAGES



sector informal, no voluntariado e nas associações de poupança e crédito das aldeias.

O programa da Costa do Marfim é considerado um sucesso, e as operações militares cooperativas entre as forças da Costa do Marfim e do Burquina Faso em 2020 e 2021 proporcionaram “maior segurança, comunicação e coordenação através da fronteira,” escreveram Eizenga e Gnanguênon. Mas a cooperação enfraqueceu após os golpes de Estado no Burquina Faso.

O Togo iniciou o Programa de Emergência para a Região de Savanes para aumentar a resiliência no norte do país. Entre 2021 e 2023, as autoridades construíram uma central solar de 25 megawatts em Dapaong, que levou electricidade a mais 15.000 famílias, um aumento regional de 29% para 42%, segundo o site Togo First em Janeiro de 2025. Cerca de 80.000 pessoas obtiveram acesso à água potável, um aumento de 64% para 73,5%.

Mais de 1.000 hectares foram desenvolvidos e a chegada de equipamentos modernos tornou os agricultores locais mais produtivos e competitivos.

Um programa de 18 meses para reforçar a resiliência contra o extremismo violento na região de Savanes teve início em Janeiro de 2024, com um financiamento de 5 milhões de euros da União Europeia. O primeiro de dois projectos abrangerá sete prefeituras e ajudará 10 organizações locais a iniciar microproyectos para impulsionar o emprego, informou o Togo First.

O segundo projecto visa duas províncias da região Central. Distribuirá equipamento de saúde e escolar a 10.000 pessoas, apoiará financeiramente 4.000 mulheres e reforçará as competências de prevenção de conflitos de 2.000 pessoas, incluindo autoridades locais. Concederá subsídios a 100 jovens empreendedores.

MELHOR JUNTOS

Embora cada país tenha trabalhado para combater a ameaça extremista, Eizenga e Gnanguênon afirmam que é necessário reforçar a coordenação regional. Eles enumeram várias recomendações para ajudar os países costeiros:

As forças de segurança devem estabelecer relações com a população civil: Os soldados, os polícias e os funcionários aduaneiros não podem limitar-se a estar presentes nas regiões fronteiriças. Eles devem conquistar a confiança da população local e respeitar a sua propriedade. O pessoal de segurança terá de receber formação sobre como mitigar danos e trabalhar com as comunidades. Tácticas pesadas podem destruir a confiança conquistada com tanto esforço. O Centro Internacional de Formação de Manutenção da Paz Kofi Annan, no Gana, e a Academia Internacional de Luta contra o Terrorismo, na Costa do Marfim, podem ajudar.

Acelerar o desenvolvimento em áreas vulneráveis:

isso já está a acontecer, e o seu sucesso confirma que os esforços devem ir além das abordagens militares. Os países bem-sucedidos nestes esforços podem ajudar a criar “intercâmbios de desenvolvimento” regionais.

Formar uma estratégia regional sobre os riscos do Complexo de Parques WAP: Benin, Gana, Nigéria e Togo devem coordenar as políticas governamentais para as zonas fronteiriças e os espaços protegidos. Os países devem ponderar as operações de segurança em relação aos esforços para preservar e proteger os meios de subsistência das comunidades.



Myriam Dossou-d'Almeida, vice-presidente da Assembleia Nacional do Togo, entrega kits de ferramentas, máquinas de costura e outros artigos a 160 jovens artesãos como parte do Programa de Emergência para a Região de Savanes em 2023. MYRIAM DOSSOU-D'ALMEIDA

Facilitar a partilha de informações: Os países devem manter canais abertos para que as forças de segurança possam trocar informações à medida que os extremistas se deslocam. As avaliações podem ser combinadas com informações da Rede de Alerta Precoce da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO).

Adoptar uma estratégia de estabilização em vários níveis: o primeiro nível pode incluir o reforço da resiliência das comunidades contra influências extremistas. Em segundo lugar, os governos devem apoiar os interesses socioeconómicos nas regiões vulneráveis. A coordenação e o apoio da Iniciativa de Acra, um esforço cooperativo da África Ocidental para conter a propagação do terrorismo no Sahel, e a ajuda da CEDEAO em questões políticas e financeiras completam as recomendações.

A ascensão das juntas do Sahel incentivou os países costeiros a reforçar a cooperação para enfrentar o desafio extremista, escreveram Eizenga e Gnanguênon. “Reforçar a coesão, a coordenação e a escala destes esforços costeiros da África Ocidental para mitigar as ameaças pode evitar um impacto regional muito maior e mais dispendioso.” □



Enquanto as Águas das Cheias Sobem, AS FORÇAS ARMADAS PREPARAM-SE

EQUIPA DA ADF | FOTOS DE AFP/GETTY IMAGES



Um

barco da Força-Tarefa Conjunta Multinacional transporta pessoas para um local seguro após as inundações que devastaram Maiduguri, na Nigéria, em Setembro de 2024. A Nigéria não foi o único país onde os militares responderam a inundações destrutivas em 2024. As Forças de Defesa do Quênia foram mobilizadas em Abril para resgatar as pessoas afectadas pelas fortes chuvas. Cerca de 300 soldados das Força de Defesa Popular do Uganda ajudaram a procurar e evacuar pessoas no distrito de Bulambuli depois que um deslizamento de terra matou pelo menos 28 pessoas em Novembro. Chuvas recordes caíram em 27 países africanos durante o ano, matando 2.500

barco da Força-Tarefa Conjunta Multinacional transporta pessoas para um local seguro após as inundações

pessoas, deslocando 4 milhões, inundando terras agrícolas e matando centenas de milhares de animais, de acordo com um relatório do Centro de Estudos Estratégicos de África. Dez milhões de crianças da República Democrática do Congo, do Mali, do Níger e da Nigéria não puderam frequentar escolas que foram inundadas ou utilizadas como alojamentos temporários. As inundações podem causar profundas preocupações de segurança, visto que infra-estruturas críticas são danificadas ou destruídas, doenças transmitidas pela água e por vectores, como a cólera e a malária, aumentam e as pessoas deslocadas perturbam outras comunidades. As inundações sublinham a necessidade de capacidades de resposta a catástrofes nas forças armadas africanas.

FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS CENTRAM-SE NO FUTURO

| COMANDANTE SETH ANTHONY DZAKPASU, FORÇAS ARMADAS DO GANA | FOTOS DA REUTERS |



Após 20 Anos de Flintlock, as Forças Especiais de África Devem Padronizar a Doutrina para Enfrentar Ameaças Comuns

Com o crescimento da ameaça do extremismo violento no Sahel e na África Ocidental em 2005, o Comando dos EUA para África patrocinou um novo exercício. Este foi projectado para enfrentar a ameaça de frente, reunindo forças de operações especiais (SOF) de toda a região e emparelhando-as com aliados da Europa e da América do Norte.

Desde a sua primeira edição, que incluiu sete países africanos e mais de 700 soldados, o Flintlock tem-se centrado em unidades de tarefas de operações especiais e no treino ao nível dos operadores das SOF. Estes operadores são alguns dos melhores dos melhores nos seus respectivos países. Normalmente, são os primeiros a ser enviados para realizar missões delicadas, como resgate de reféns ou neutralização de alvos terroristas de alto valor.

As unidades das SOF em África têm muito em comum, mas antes do Flintlock raramente treinavam juntas. Barreiras linguísticas, doutrinárias, de equipamento e políticas nacionais levaram ao isolamento das SOF, em que os operadores não coordenavam os seus esforços e os líderes raramente partilhavam informações ou melhores práticas. Os grupos extremistas, muitas vezes, aproveitaram essas divisões, procurando áreas fracas e sem governo para estabelecer bases, recrutar e operar com impunidade através das fronteiras.

O objectivo do Flintlock era simples: ajudar as nações participantes a combater organizações



À esquerda: Forças de operações especiais realizam uma simulação de ataque a um acampamento militante durante o Exercício Flintlock.

À direita: Militares ganeses treinam durante o Flintlock, um exercício anual de treinamento de combate ao terrorismo.



Militares ganeses concluem exercícios durante o Exercício Flintlock em Sogakope, Gana.

extremistas violentas, colaborar além das fronteiras e garantir a segurança dos seus povos, respeitando os direitos humanos e construindo confiança com as populações civis.

No seu 20.º aniversário, vale a pena avaliar o histórico para ver para onde o Flintlock pode ir a partir daqui.

Crescimento e Oportunidade para Preencher Lacunas

O Flintlock, na sua forma actual, é a maior mobilização de parceiros das SOF em África e, possivelmente, no mundo. Anualmente, mais de 1.300 elementos representando 30 parceiros africanos e internacionais são mobilizados para reforçar a cooperação e a interoperabilidade e forjar parcerias duradouras que trazem dividendos em vidas salvas. Nos seus 20 anos, cresceu em tamanho e alcance, tendo identificado várias lacunas críticas na formação, disparidades na capacidade das SOF e oportunidades para melhorar a cooperação e a interoperabilidade entre parceiros africanos e internacionais.

O desafio mais evidente e urgente relacionado com as SOF pode também ser a oportunidade mais impactante. Trata-se do desenvolvimento de conceitos e doutrina padronizados. Para ser eficaz e universalmente aceite, esta doutrina deve ser desenvolvida pelas, com e através das SOF africanas. Como principal meio de colaboração no combate ao terrorismo na África Ocidental e do Norte, o Flintlock está na melhor posição para apoiar o desenvolvimento de uma doutrina africana para as SOF.

Como participante e planeador do exercício, gostaria de juntar a minha voz àqueles que apelam ao desenvolvimento de uma doutrina e de um conceito para as SOF em África. Este é o momento certo. À medida que os grupos terroristas procuram expandir-se e as alianças regionais no Sahel se fragmentam ou estão sob ameaça, acredito que a cooperação das SOF é hoje mais importante do que nunca.

Menor Pode ser Melhor nas SOF

No Flintlock, o conceito e a doutrina das SOF centram-se no trabalho seminal do almirante reformado da Marinha dos EUA, William McRaven, que propôs a teoria da “superioridade relativa.” No seu livro “Spec Ops,” ele retirou lições de conflitos que remontam à Segunda Guerra Mundial para delinear as ideias fundamentais das SOF. Na guerra convencional, uma força que defende uma posição é inerentemente mais forte do que uma que está na ofensiva. Isso leva à necessidade convencional de ter uma força de ataque três vezes maior do que a força defensiva. Mas nas SOF, essa sabedoria convencional é invertida. Pequenas unidades das SOF podem ter capacidades não convencionais e extraordinárias. Ao examinar operações que vão desde um ataque de comandos britânicos em St. Nazaire, França, em 1942, até ao resgate israelita de reféns no aeroporto de Entebbe, Uganda, em 1976, McRaven demonstra o poder destas pequenas unidades de elite. McRaven escreve que as SOF ganham vantagem quando têm um “plano simples, cuidadosamente oculto, ensaiado



de forma realista e executado com surpresa, rapidez e determinação.” Este conceito indica que as SOF devem ter elementos de execução ou unidades de tarefas mais pequenas quando comparadas com as unidades convencionais.

Variações nos Conceitos e Doutrina das SOF em África

Muitas vezes, as forças armadas africanas incluem estruturas indígenas que antecedem a era moderna e legados estruturais coloniais. As unidades militares de elite na África Ocidental e do Norte assumem a forma de organizações de comando, batedores, mergulhadores e paramilitares. No entanto, estes tipos de organizações militares são intrinsecamente diferentes das unidades das SOF doutrinárias que conduzem missões das SOF. Num país, uma unidade de elite pode estar a conduzir operações de contra-insurgência ou a combater o banditismo. Noutro, pode ter a tarefa de proteger infra-estruturas nacionais críticas ou recursos naturais.

Muitas vezes, durante o Flintlock, há evidências de que algumas nações africanas cruzam conceitos convencionais e de elite com os das SOF. As nações africanas apresentam unidades de tarefas de tamanhos diferentes. Algumas são tão grandes quanto unidades convencionais, o que dificulta alcançar a velocidade, a segurança e o elemento surpresa necessários para as missões das SOF. Existem desafios de interoperabilidade e táticas quando nações com pequenas unidades das SOF trabalham com nações com unidades de tamanho convencional. Algumas

nações no Flintlock podem usar unidades maiores devido a desafios únicos com operações no seu contexto nacional e terreno. Uma revisão do contexto operacional das SOF africanas, baseada na compreensão de conceitos e doutrinas estabelecidos para harmonizar os tamanhos das unidades operacionais, pode superar esses desafios.

Aproveitando o Poder das SOF

As SOF podem ser empregues como um instrumento do poder nacional, por vezes, denominado poder das SOF. O poder das SOF caracteriza a capacidade de uma pequena força militar ter um impacto superior ao seu peso em ambientes política e militarmente sensíveis, mas com um baixo custo para o Estado. Vimos isso em locais como o Mali, onde as SOF do Chade recuperaram território dos extremistas, e na Nigéria, onde unidades das SOF resgataram reféns mantidos pelo Boko Haram. Mesmo no Golfo da Guiné, pequenas unidades de comando libertaram marinheiros das garras de piratas e ajudaram a garantir a segurança das águas para o comércio.

O nível de desenvolvimento e o contexto das nações africanas afectam o emprego do poder das SOF na estratégia nacional. O poder económico de um Estado afecta os recursos e equipamentos militares disponíveis para as SOF. O avanço tecnológico e o crescimento das indústrias militares influenciam o desenvolvimento de equipamentos especializados e armas e a sua manutenção. Os conceitos e a doutrina sobre as SOF e o emprego das SOF

devem reflectir que as nações africanas não têm o mesmo nível de recursos que muitos países ocidentais. As SOF em África não terão o mesmo foco em tecnologia e recursos de apoio. No entanto, embora possam existir lacunas nas capacidades tecnológicas, a experiência dos operadores africanos e a sua capacidade de lidar com climas, terrenos e matrizes de ameaças particularmente difíceis conferem-lhes uma vantagem sobre as forças que dependem fortemente da tecnologia. Como muitas vezes é afirmado por operadores experientes das SOF: “Os seres humanos são mais importantes do que o equipamento.” Uma doutrina africana das SOF deve reflectir esta realidade.

Ampliação dos Objectivos

O Flintlock proporcionou enormes benefícios ao criar consciência sobre a importância das SOF nas operações de combate ao terrorismo e no contexto mais amplo da resposta a crises. Os efeitos alcançam os aspectos políticos, económicos e sociais das nações por meio do envolvimento

com líderes seniores, integração interagências, programas de acção cívico-militar local, assistência humanitária, projectos de desenvolvimento, mensagens públicas e operações de informação. Cada edição do Flintlock inclui eventos como programas de assistência médica ou programas veterinários que alcançam milhares de pessoas. Isso se desenvolveu ao longo dos anos, assim como o reconhecimento de que não existe uma solução exclusivamente militar para o extremismo violento. O problema deve ser abordado de forma holística, respondendo às causas profundas do flagelo e conquistando os corações e as mentes daqueles que estão mais próximos da violência.

O exercício ampliou os seus objectivos, não se limitando a derrotar redes de organizações terroristas e extremistas violentas, mas ajudando as SOF a ganhar a confiança da população local através da adesão demonstrada ao Estado de direito e aos quadros jurídicos aplicáveis que apoiam as autoridades civis. Quando as comunidades vêem de perto o pessoal das SOF, tendem a



Soldados chadianos preparam-se para uma sessão de treino durante o Exercício Flintlock.

ficar tranquilas, pois percebem que se trata de profissionais em quem podem confiar. Muitos países têm legados complicados a superar, e o objectivo é que os civis compreendam que, em caso de emergência, podem correr para as suas forças armadas em vez de fugir delas.

Mapeamento de uma Estratégia

A abordagem para desenvolver conceitos e doutrina para as SOF em África precisa de ser inclusiva e abrangente. Esta não é uma tarefa fácil. Desenvolver uma linguagem comum de conceitos e doutrina para as SOF em África será um desafio, mas os desafios são insignificantes em comparação com os desafios reais que a África do Norte e Ocidental enfrentam devido ao extremismo violento. Em 2024, houve 10.400 mortes relacionadas com a violência islâmica militante no Sahel, tornando-a na região mais afectada pelo terrorismo no mundo. Não há tempo a perder para enfrentar esta ameaça.

O desenvolvimento de um quadro conjunto para as

SOF em África é vital para enfrentar as ameaças actuais, pois décadas de experiência nos mostraram que os actores malignos não respeitam as fronteiras geográficas. Conforme afirmou o comandante do Comando de Operações Especiais dos EUA em África, Contra-almirante Ronald Foy: “Nenhum país pode enfrentar e resolver estes desafios sozinho.” Esta expressão não só dá credibilidade à importância de conceitos e doutrinas comuns para as SOF em África, como também mostra que devemos enfrentar as ameaças de hoje e estar preparados para os desafios do amanhã.

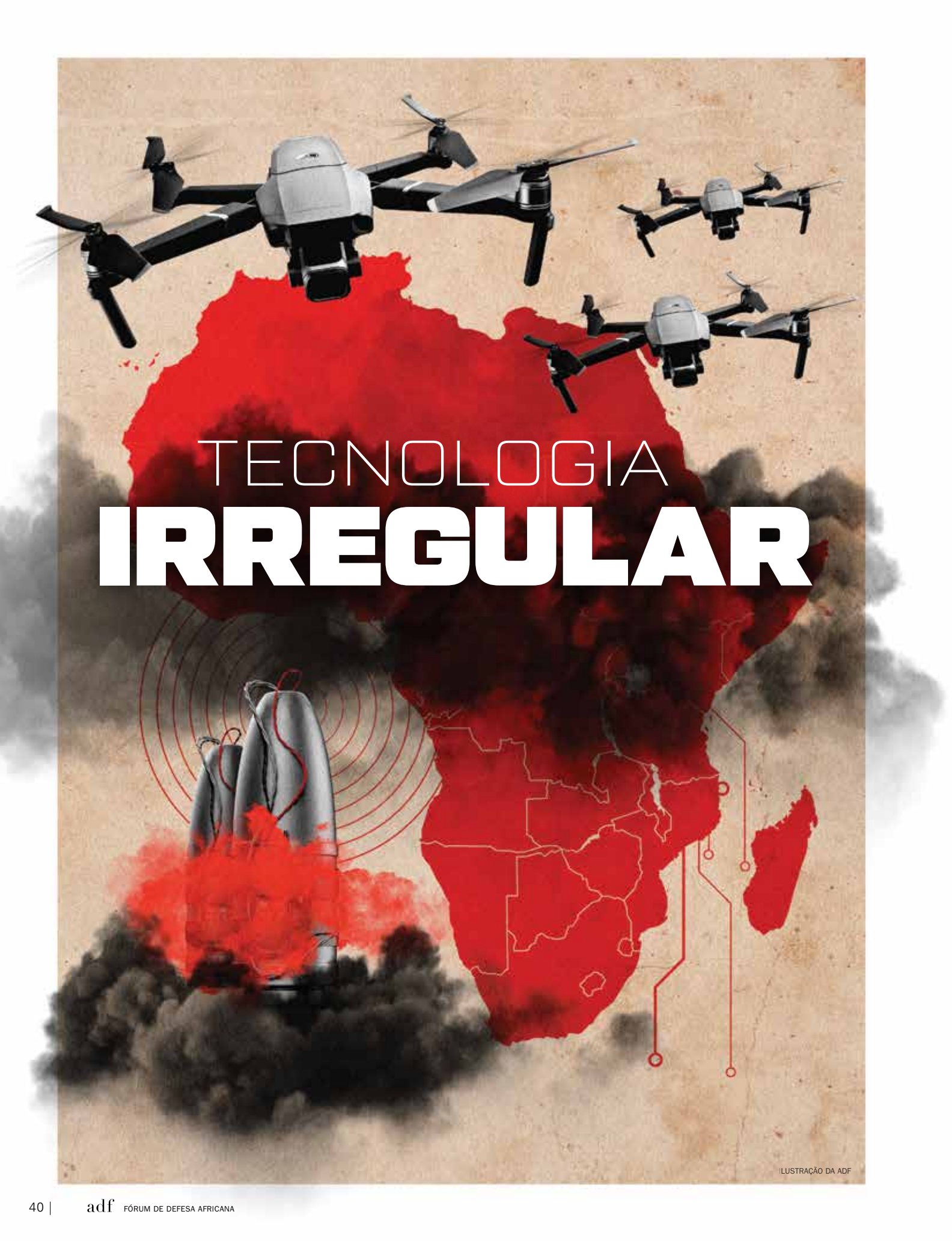
O Flintlock sofreu enormes mudanças nos seus objectivos e execução ao longo dos últimos 20 anos. O que inicialmente foi concebido como um modelo de intercâmbio conjunto e combinado de treino hierárquico e multilateral, com forças internacionais a servir de mentores e as SOF africanas como formandos, continua a transformar-se num evento de treino culminante mais mutuamente benéfico e colaborativo. É vital que todas as partes continuem a compreender a estrutura das unidades das SOF receptoras, recolhendo informações sobre o seu funcionamento interno. São necessárias mais discussões com a liderança das SOF africanas para avançar no combate a uma ameaça comum. Uma metodologia útil seria uma abordagem sistémica, que exigiria um envolvimento extensivo com as SOF e outras agências sub-regionais e parceiros ocidentais. Quando feita correctamente, uma abordagem sistémica incorpora a formação como parte do sistema global, em vez de uma actividade anual isolada.

O Caminho a Seguir

Os conceitos e doutrina abrangentes das SOF em África, desenvolvidos pelas SOF africanas, oferecem grandes oportunidades para um esforço de combate ao terrorismo mais robusto e duradouro. Embora os auspícios do Flintlock proporcionem uma oportunidade para utilizar a doutrina das SOF da NATO para construir verdadeiramente a interoperabilidade, os conceitos utilizados e a doutrina empregada devem ser desenvolvidos e codificados pelas, com e através das SOF africanas. Esta abordagem de desenvolvimento de conceitos e doutrina centrados em África para as SOF pode parecer laboriosa e tediosa, mas oferece uma forma eficaz de enfrentar as ameaças complexas na região. Estas ameaças constituem um conjunto de problemas holísticos que exigirão uma solução holística. O primeiro passo para resolver este problema pode ser apenas o desenvolvimento, a formulação e a utilização de conceitos e a doutrina, liderados pelas SOF em África e doutrinados pelas SOF em África. Este é o desafio que a comunidade das SOF e o Flintlock enfrentam, com base em 20 anos de sucesso, para oferecer as ferramentas, as relações de trabalho e as infra-estruturas necessárias. ▢

Sobre o autor: O Comandante Dzakpasu é o oficial comandante do Esquadrão do Barco Especial do Gana. As suas funções anteriores incluem oficial de operações de comando no Comando Fluvial, comandante do Quartel-General da Marinha do Gana em Burma Camp e comandante dos navios Blika e Garinga da Marinha do Gana. Ele possui mestrado em assuntos marítimos pela Universidade Marítima Mundial, na Suécia, e em defesa e política internacional pelo Colégio de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas do Gana.





TECNOLOGIA **IRREGULAR**

ILUSTRAÇÃO DA ADF

PAÍSES INVESTEM EM TECNOLOGIA PARA DERROTAR OS INSURGENTES, MAS OS ADVERSÁRIOS ADAPTAM-SE RAPIDAMENTE

EQUIPA DA ADF

O ataque do grupo Estado Islâmico às Forças de Defesa da Puntlândia no início de 2025 representou uma mudança fundamental nas táticas e na tecnologia utilizadas anteriormente. Enquanto os ataques anteriores tinham sido realizados com dispositivos explosivos improvisados, os dois ataques de Janeiro utilizaram drones aéreos.

Tratou-se da primeira vez que o Estado Islâmico (IS) na Somália utilizou com sucesso drones contra as forças governamentais que tentavam expulsar o grupo das montanhas Cal Miskat. Os ataques com drones nos dias 20 e 23 de Janeiro tiveram como alvo a Força Dervish da Puntlândia e a Força Policial Marítima da Puntlândia na sua base em Buuraha Cali Miskat. Pelo menos dois soldados morreram e outros ficaram feridos.

O ataque às forças da Puntlândia ocorreu cerca de uma semana depois de o governo ter matado 26 terroristas e abatido nove drones durante a Operação Relâmpago. Alguns dos drones foram utilizados para vigilância. Outros transportavam explosivos.

Imagens publicadas nas redes sociais pelo Ministério da Defesa da Somália mostram que os drones do EI abatidos eram variedades dos quadricópteros baratos e disponíveis no mercado que permitem aos grupos terroristas de todo o continente ter poder aéreo.

Das montanhas do norte da Somália às planícies áridas do Mali e às florestas do norte de Moçambique, grupos terroristas como a Província do Estado Islâmico na África Ocidental (ISWAP), Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM) e al-Shabaab na província de Cabo Delgado, em Moçambique, adicionaram drones aos seus arsenais.

No início, os terroristas usavam os drones principalmente para vigilância e recolha de informações. Alguns grupos usavam-nos para filmar batalhas, com as imagens resultantes adicionadas a vídeos de propaganda online. Mais recentemente, os terroristas passaram a armar drones com explosivos simples e a usá-los contra as forças governamentais.

Combinados com as redes sociais, dispositivos explosivos improvisados (DEI) e outras técnicas de guerra irregular, os drones tornaram-se um multiplicador de força crucial para os terroristas contra forças governamentais melhor armadas e equipadas.

Para os países africanos que enfrentam grupos terroristas, os especialistas afirmam que a adopção rápida e generalizada de drones pelos terroristas oferece uma lição valiosa sobre guerra irregular. A tecnologia pode criar

uma vantagem a curto prazo para as forças armadas, mas os insurgentes recuperam o atraso adoptando as suas próprias táticas irregulares.

“Temos tendência a acreditar que o novo brinquedo vai resolver todos os problemas,” Salvador Artiaga, especialista em guerra irregular e analista de segurança nacional, disse à ADF. “O que estamos a ver em diferentes lugares é que nem sempre é aquele que tem as armas maiores ou a tecnologia mais recente que sai a ganhar.”



Os extremistas do Sahel respondem ao uso de tecnologia cara de drones pelos seus governos, recorrendo a quadricópteros baratos e prontos a usar que podem ser adaptados como armas. GETTY IMAGES

ADVERSÁRIOS ADAPTAM-SE

O uso de drones e outras tecnologias pode dar às forças armadas uma vantagem temporária, mas os insurgentes irão adaptar-se rapidamente.

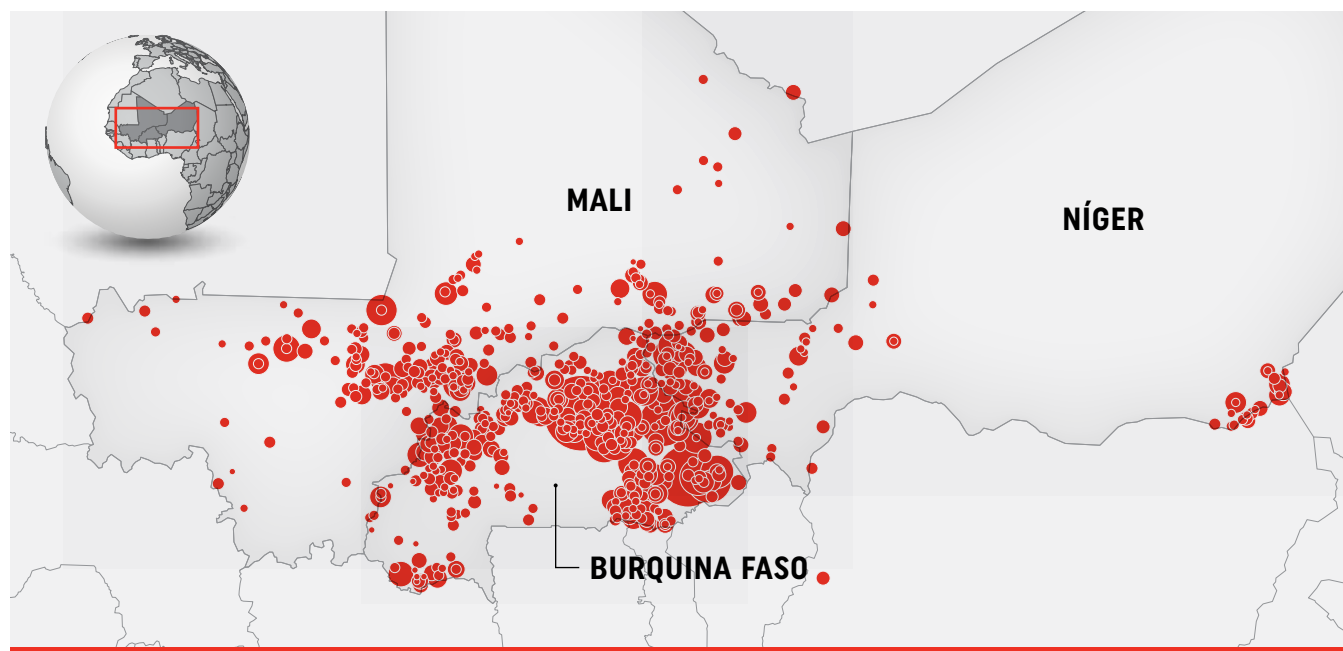
“Nem sempre se trata de quem está à frente,” disse Artiaga. “Sempre se trata de quem se adapta melhor.”

Insurgentes do Sahel disseram ao jornal francês Le Monde que os ataques com drones os pegaram de surpresa no início, mas eles rapidamente aprenderam a identificar o zumbido, a esconder-se e a evitar formar grupos. Os insurgentes do Sahel estão a armazenar os seus próprios drones e a modificá-los para a guerra irregular.

De acordo com o analista Francis Okpaleke, vários factores contribuem para o uso e a disseminação de drones entre os extremistas do Sahel, como acessibilidade comercial, baixo custo, fronteiras porosas, utilidade técnica e propaganda.

“A proliferação de drones entre os VNSAs [actores não estatais violentos] introduz uma nova dimensão

VIOLÊNCIA JIHADISTA NO SAHEL: 2024



Fonte: Reuters

aos esforços do combate ao terrorismo, potencialmente alterando o equilíbrio de poder a favor desses grupos,” Okpaleke escreveu numa análise de 2024 para a Global Network on Extremism & Technology.

Embora uma geração anterior de insurgentes usasse telemóveis para detonar DEI, os insurgentes de hoje podem acoplar um explosivo a um quadricóptero disponível no mercado para criar uma bomba voadora que pode ser direccionada contra alvos militares.

“Os insurgentes podem fazer o que quiserem e não têm nada com que se preocupar,” disse Artiaga, que escreve para o Irregular Warfare Institute. “Na guerra irregular, a força mais eficaz não é necessariamente aquela com a melhor tecnologia, mas aquela que usa a tecnologia da maneira mais inteligente. Por 20.000 dólares [em drones modificados], posso criar caos.”

No Mali, por exemplo, a Tuareg Permanent Strategic Framework usou drones contra bases de mercenários russos em Goundam e Léré. Em cada ataque, drones quadricópteros disponíveis no mercado lançavam pequenos explosivos sobre os seus alvos e depois recuavam. A coligação afirmou que os seus ataques mataram pelo menos nove mercenários. Drones com equipamento semelhante fizeram parte da emboscada às forças malianas e aos combatentes russos perto de Tin Zouaten, em Julho de 2024. Esse ataque matou 84 mercenários e 47 soldados malianos.

Os ataques com drones dos insurgentes forçam os governos do Sahel e os seus aliados russos a reagir, mantendo-os na defensiva, disse Artiaga.

“A mensagem subjacente é que os insurgentes agora têm capacidade de ataque aéreo, tal como os seus inimigos,” os repórteres do Le Monde, Benjamin Roger e Emmanuel Grynszpan, escreveram em Outubro de 2024.

A região de Liptako-Gourma, perto das fronteiras de Burkina Faso, Mali e Níger, tornou-se o epicentro do mundo em termos da guerra irregular.

A BATALHA TORNA-SE DIGITAL

Os insurgentes estão a adoptar outra tecnologia omnipresente, as redes sociais, utilizando o X e outras plataformas para transmitir imagens do campo de batalha e vídeos de propaganda. Para esse fim, os insurgentes, muitos dos quais são “nativos digitais” nascidos na era da internet, podem estar muito à frente das pessoas que dirigem os seus governos, disse Artiaga. Os insurgentes usam os seus laços com as sofisticadas operações dos meios de comunicação do EI ou da al-Qaeda para produzir vídeos que promovem as suas vitórias para o público online.

“Os vídeos de propaganda divulgados por drones servem não apenas como uma ferramenta de recrutamento, mas também para demonstrar proeza tecnológica, aumentando a legitimidade e o poder percebidos dos grupos,” escreveu Okpaleke. “Eles também têm fins simbólicos, projectando poder aéreo, estatuto e progresso tecnológico, potencialmente auxiliando os esforços de angariação de fundos.”

O espaço cibernético oferece aos insurgentes tudo o que eles precisam saber sobre como construir bombas, modificar drones ou realizar campanhas de relações públicas, acrescentou. Os sistemas de inteligência artificial podem até mesmo fazer parte do trabalho por eles. O resultado é uma vantagem tecnológica que alimenta as insurgências, independentemente do que os governos lançam contra elas, disse Artiaga.

“Você tem forças no governo que estão à espera de que esta nova tecnologia faça tudo por elas,” Artiaga



As pessoas fazem compras no mercado de Fada N'Gourma, no leste do Burquina Faso, uma área que é considerada o epicentro do mundo para ataques terroristas. AFP/GETTY IMAGES

disse à ADF. “Enquanto o governo depende desta nova tecnologia, os seus adversários estão a adaptar-se ao ambiente.”

TECNOLOGIA VERSUS DINÂMICA HUMANA

Artiaga observou que, mesmo enquanto se equipam com drones e outras tecnologias para combater os insurgentes, os países africanos parecem estar a perder as lições que outros países aprenderam ao lidar com guerras irregulares de longa duração: o lado com a melhor tecnologia nem sempre vence.

“É fascinante observar a interação entre forças com tecnologia avançada e aquelas que são menos dependentes dela,” Artiaga escreveu numa análise para o site Irregular Warfare. “A utilização de técnicas de comunicação rudimentares e a integração com as populações locais, muitas vezes, permitem que essas forças de baixa tecnologia escapem da detecção.”

A tecnologia oferece ferramentas poderosas para aprimorar estratégias de guerra irregular, mas também traz vulnerabilidades ao lidar com insurgentes habilidosos em táticas de guerrilha, de acordo com Artiaga. Além disso, os insurgentes que têm o apoio da população local, seja por meio das suas próprias ações ou em resposta



Os regimes de junta do Sahel no Burquina Faso, Mali e Níger investem fortemente na tecnologia de drones, sobretudo nos Bayraktar TB2 e Akincis fabricados na Turquia. AFP/GETTY IMAGES

a ataques do governo, podem ser quase impossíveis de derrotar.

A dependência excessiva da tecnologia por qualquer um dos lados envolvidos na guerra irregular pode ser uma vulnerabilidade, acrescentou Artiaga.

“No domínio da guerra irregular, a essência da vitória continua enraizada na compreensão da dinâmica humana, na compreensão das correntes geopolíticas locais e no domínio da arte intemporal da adaptabilidade,” escreveu. “Como articulou o estrategista intemporal Sun Tzu, o auge da arte da guerra reside em subjugar o inimigo sem confronto directo.” □



‘APROVEITANDO-SE DA INSTABILIDADE’

EMPRESAS MILITARES PRIVADAS LANÇAM UMA SOMBRA SOBRE O CONTINENTE

EQUIPA DA ADF

Empresas militares privadas, empresas de segurança privada, forças paramilitares e mercenários operam em África há décadas, mas a sua utilização pelos países africanos aumentou drasticamente nos últimos anos, causando preocupação entre os especialistas em segurança no continente.

Os números são impressionantes. No auge do conflito na Líbia, havia cerca de 20.000 combatentes estrangeiros a apoiar ambas as facções beligerantes. Só o Grupo Wagner da Rússia destacou cerca de 5.000 a 7.000 mercenários para países como a República Centro-Africana, a Líbia, o Mali e o Sudão, com planos para aumentar o seu contingente no continente para 20.000.

“Estamos a assistir a uma presença cada vez maior de mercenários e actores relacionados com mercenários nos conflitos armados contemporâneos e ao risco cada vez maior de graves violações de direitos humanos e crimes de guerra,” afirmou Sorch MacLeod, presidente do grupo de trabalho das Nações Unidas sobre o uso de mercenários.

Ao discutir estes combatentes, as definições são importantes. As empresas militares privadas (EMP), por vezes, chamadas de empresas de segurança militar privada (ESMP), são entidades jurídicas. A sua utilização é controversa e, muitas vezes, suscita questões sobre a responsabilização e os abusos reais ou potenciais. As empresas de segurança privada (ESP) prestam serviços de segurança armados ou não armados. Os grupos paramilitares, muitas vezes, têm motivações políticas, podem não estar focados no lucro e, por vezes, actuam como auxiliares militares nacionais. Mercenários são indivíduos que vendem os seus serviços a forças ou causas em combate como trabalhadores independentes.



Mercenários russos patrulham no norte do Mali. THE ASSOCIATED PRESS

SEGURANÇA TRANSACCIONAL A UM PREÇO

A face moderna dos mercenários estrangeiros que operam em África é a do famoso Grupo Wagner da Rússia, rebaptizado de Africa Corps após a morte do seu fundador, Yevgeny Prigozhin, em 2023. Agora uma entidade oficial do governo russo, o Grupo Wagner troca serviços de segurança por metais preciosos e gemas em alguns dos países mais perigosos de África. Como resultado das suas operações nos últimos cinco anos, o Grupo Wagner mantém agora uma rede opaca e complexa de operações no continente que, segundo os críticos, saqueia diamantes, ouro e outros recursos naturais. Eles também exercem uma influência desproporcional sobre o governo e as forças de segurança nas áreas onde operam, de acordo com a The Sentry, uma organização de investigação de políticas. Devido ao desgaste das suas próprias forças de segurança na Ucrânia, a Rússia recorreu à contratação de mercenários sírios para cumprir contratos de segurança na RCA, na Líbia e noutros países.

Um número esmagador de atrocidades amplamente divulgadas segue as mobilizações do Grupo Wagner, destacando os perigos de empregar forças estrangeiras com pouca ou nenhuma formação ou experiência em guerras de insurgência. Vários relatórios documentam que as forças mercenárias russas ordenaram às forças governamentais que matassem mulheres e crianças, torturassem pessoas e conduzissem campanhas de limpeza étnica contra comunidades. Os combatentes envolvidos nessas actividades disseram à The Sentry que a intenção dos mercenários é criar terror e instigar o medo. Essa abordagem de choque e pavor é um anátema para a doutrina de contra-insurgência predominante, que enfatiza a conquista dos corações e mentes da população.

“Aproveitando-se da instabilidade e da fragilidade dos Estados, o Grupo Wagner tem instrumentalizado a violência na busca desenfreada por recursos económicos e poder político, com consequências terríveis para as populações civis,” Charles Cater, director de investigações da The Sentry, disse num comunicado de imprensa. “Em nenhum lugar essa ameaça ficou mais evidente do que na República Centro-Africana, cuja soberania cada vez mais comprometida deve servir como um forte alerta para outros governos de África e de outros lugares.”

Os mercenários russos também estão a ser usados para proteger regimes militares que tomaram o poder em Burquina Faso, Mali e Níger. Embora os líderes dessas juntas tenham convidado os mercenários russos sob o pretexto de combater o terrorismo, a violência dos grupos terroristas continuou a expandir-se, com o número de mortes no Sahel quase triplicando para mais de 11.600 desde 2020. Isso indica que os auspícios antiterroristas da mobilização do Grupo Wagner eram um ardil ou o seu pessoal é ineficaz como força de combate ao terrorismo.

“Vimos isso em todo o Sahel e além, resultando em [golpes] sangrentos, tentativas de destituição da liderança, extracção ilegal de minérios, bem como violações graves e explícitas de direitos humanos, incluindo violência sexual contra mulheres e meninas,” o analista Jonathon James

escreveu no jornal nigeriano This Day Live. “A própria presença da Rússia no continente é uma ameaça aberta à paz, à segurança, à democracia e à soberania.”

Um incidente destacou o fracasso de forças mercenárias mal treinadas. Em Julho de 2024, 47 soldados malianos e 84 mercenários russos foram mortos em Tinzaouaten pelo Jama’at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM) e combatentes rebeldes Tuaregues aliados. Esta foi a maior perda de forças mercenárias no continente e o maior desastre militar na longa luta do Mali contra os separatistas Tuaregues e militantes islâmicos no Sahel.

O modelo mercenário da Rússia em África é um exemplo cauteloso de como trocar a soberania de um país, recursos preciosos e viabilidade económica futura por ganhos de segurança a curto prazo que não podem ser sustentados com uma força estrangeira sem treino e inexperiência.

Os fracassos e abusos dos mercenários contra civis deixaram alguns mais receosos dos soldados estrangeiros contratados pelo seu governo do que dos grupos terroristas.

“Eles alteraram o equilíbrio do medo: a população civil agora tem mais medo de ser presa ou morta pelo Grupo Wagner do que pelos jihadistas e outros grupos armados,” Hédi Nsaibia, analista sénior do Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos, disse ao The New York Times. “Contudo, eles não afectaram a capacidade de operação dos grupos jihadistas.”

FOCADAS NA PROTECÇÃO DOS INVESTIMENTOS CHINESES NA ICR

As ESP chinesas também cresceram rapidamente em África nos últimos anos, mas, em contraste com o modelo do Grupo Wagner, as ESP chinesas centram-se em proteger os projectos de investimento da Iniciativa do Cinturão e Rota (ICR) do país. Com uma presença predominante na África Subsariana, as ESP chinesas são empregadas para proteger projectos e pessoal de empresas estatais chinesas que geram mais de 50 bilhões de dólares em receitas por ano, de acordo com o Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS).

Por meio da ICR, Pequim colocou dezenas de milhares de trabalhadores chineses em África para construir projectos de infra-estruturas financiados pela China. Há alguns anos, a China recorreu às ESP para proteger activos como minas, projectos de gás natural, ferrovias e rotas marítimas.

“Vimos um envio maciço de trabalhadores, mais especificamente trabalhadores chineses,” Jasmine Opperman, consultora de segurança independente sediada na África do Sul, disse à Voz da América (VOA). “Agora, estes investimentos, como no Sudão e no Sudão do Sul, estão realmente em áreas voláteis, por isso, temos assistido a uma proliferação de [ESP] chinesas no continente africano, com a tarefa de proteger os funcionários e os projectos de infra-estruturas.”

Em Julho de 2024, combatentes da milícia mataram nove cidadãos chineses numa mina ligada à China na província de Ituri, no nordeste da República Democrática do Congo (RDC). Os analistas afirmam que incidentes como este — e um ataque em 2023 que matou nove cidadãos chineses numa mina de ouro na RCA — resultaram no envio de mais empresas de segurança chinesas.

ESPECIALISTAS TRABALHAM PARA REGULAMENTAR UMA AMEAÇA CRESCENTE

EQUIPA DA ADF

Mais de 150 especialistas e partes interessadas de toda a África reuniram-se em Setembro de 2023 para discutir as ramificações do número crescente de combatentes estrangeiros no continente. Houve um consenso de que a União Africana deve reavaliar a sua posição sobre os mercenários e tomar medidas para proteger os civis.

O simpósio de dois dias foi organizado pelo Secretariado do Conselho Económico, Social e Cultural da UA na Zâmbia; pelo Instituto para o Pensamento e o Diálogo Pan-Africano (IPATC) da Universidade de Joanesburgo; pelo Instituto de Estudos para a Paz e a Segurança da Universidade de Adis Abeba; e pelo Grupo Pan-Africano de Investigação Estratégica e Política na Nigéria.

Durante a reunião, os oradores instaram os Estados africanos a dar prioridade à reforma do sector da segurança e a garantir que os combatentes estrangeiros que cometem atrocidades sejam sujeitos ao Estado de direito. Os especialistas e as partes interessadas concordaram que devem ser implementados mecanismos de sanções específicas contra governos ou organizações que utilizam combatentes estrangeiros e mercenários.

Adeoye Akinola, chefe de investigação e ensino do IPATC, e Ratidzo Makombe, investigador do mesmo instituto, documentaram várias recomendações políticas da UA que surgiram do simpósio de dois dias, incluindo:

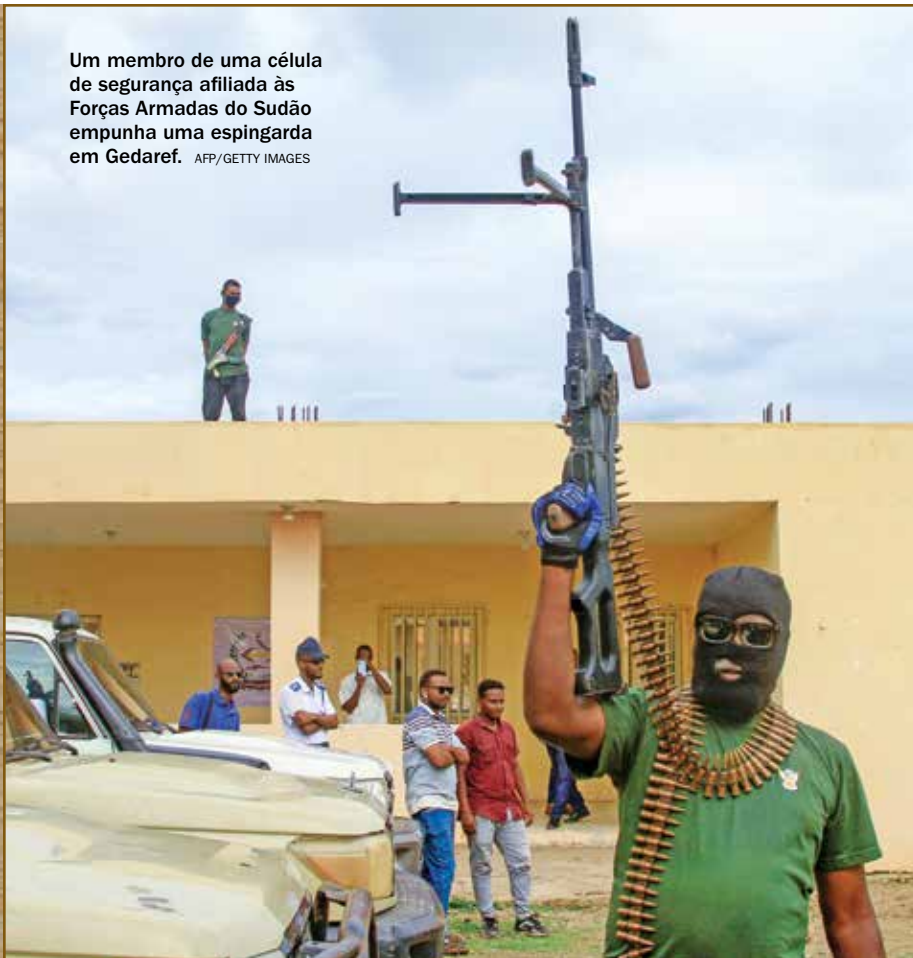
- **Rever** os quadros jurídicos, como a Convenção sobre Mercenários de 1977, reforçar as parcerias entre a UA e as comunidades económicas regionais e melhorar as instituições políticas e de segurança, através de plataformas bilaterais e multilaterais, do intercâmbio de dados em tempo real e de bases de dados interligadas.
- **Facilitar** a formulação e a implementação de programas de desenvolvimento socioeconómico inclusivos para capacitar os cidadãos e travar a proliferação de grupos insurgentes e golpes militares.
- **Conceber** um programa de desarmamento, desmobilização e reintegração para retirar combatentes locais e estrangeiros do conflito e reintegrá-los na sociedade.



Um segurança privado russo, ao centro, trabalha numa assembleia de voto na República Centro-Africana durante uma visita presidencial. Um simpósio realizado em 2023 instou as nações africanas a responsabilizar os combatentes estrangeiros perante o Estado de direito.

AFP/GETTY IMAGES

Um membro de uma célula de segurança afiliada às Forças Armadas do Sudão empunha uma espingarda em Gedaref. AFP/GETTY IMAGES



“Trata-se da protecção e expansão da influência chinesa e, devido à instabilidade da situação de segurança, estamos a assistir a um aumento do número destas [ESP],” explicou Opperman.

As ESP de Pequim operam de forma diferente dos mercenários de Moscovo. A maioria dos contratados de segurança chineses é rigorosamente controlada e não porta armas, excepto aqueles envolvidos em missões de escolta marítima contra a pirataria.

“O Grupo Wagner está envolvido em operações de combate,” Paul Nantulya, especialista sobre a China, no ACSS, disse à VOA. “Está envolvido em guerras; fornece um conselheiro de segurança nacional, por exemplo, na República Centro-Africana. Eles tornam-se parte da arquitectura governamental. Travam guerras em nome dos governos.”

Os contratados chineses normalmente realizam treinos militares com os países anfitriões e fornecem equipamento, inteligência e vigilância. Opperman disse que os contratados de segurança chineses ainda podem ter um efeito desestabilizador.

“Embora as EMP da China não tenham permissão para portar armas, o que estão a fazer é colaborar por meio de empresas de segurança privadas ou locais ou mesmo milícias locais em termos de fornecimento de segurança,” explicou. “Ao colaborar com milícias locais, está-se basicamente a tomar partido.”

EAU COMO UM ‘CENTRO DE ATIVIDADE MERCENÁRIA’

Desde a década de 2010, os Emirados Árabes Unidos (EAU) reforçaram os laços militares com muitos países africanos, principalmente no Corno de África e no Sahel. Abu Dhabi procura ganhar influência, ter acesso a recursos minerais e proteger as rotas comerciais no Mar Vermelho e no Golfo de Áden.

Mercenários contratados pelos EAU trabalham no combate ao terrorismo, à insurgência e à pirataria; fornecem armas e equipamentos; promovem a cooperação em matéria de defesa; e oferecem apoio militar a actores armados não estatais na Líbia e no Sudão. No Sudão, os EAU são acusados de armar as Forças de Apoio Rápido (RSF) paramilitares na sua guerra com as Forças Armadas do Sudão (SAF).

Desde 2016, os EAU assinaram acordos militares com Chade, Etiópia, Quênia, Mali, Mauritânia, Moçambique, o Estado autónomo da Puntlândia, na Somália, Senegal e Somália. Desde a década

de 2010, Abu Dhabi também estabeleceu postos militares no Chade, Egito, Eritreia, Líbia, Puntlândia, Somalilândia semiautónoma e Somália.

Os EAU também contratam combatentes estrangeiros para proteger os seus interesses no continente. Abu Dhabi contrata mercenários colombianos, por exemplo, para apoiar as RSF no Sudão. Cerca de 160 combatentes colombianos faziam parte de uma caravana que viajava da Líbia para o Sudão em meados de Novembro de 2024, quando foram atacados por um grupo alinhado com as SAF. Três mercenários foram mortos.

Em 2024, surgiram relatos sobre um anúncio de emprego divulgado pela Manar Military Co., com sede em Abu Dhabi, à procura de um “operador da Legião Estrangeira.” O anúncio procurava uma pessoa com menos de 50 anos, altamente disciplinada, em boa forma física, com mais de cinco anos de experiência militar e capaz de lidar com “condições de alto stress.” O salário inicial era de cerca de 2.000 dólares por mês, mas aumentaria assim que a pessoa fosse enviada para a Somália ou o Iémen.

“Certamente, quando se ouve ‘mercenários’ hoje em dia, geralmente penso muito mais nos Emirados Árabes Unidos do que na Rússia,” Andreas Krieg, professor sénior da Escola de Estudos de Segurança do King’s College, em Londres, disse ao serviço de notícias alemão, Deutsche Welle. “Os Emirados

tornaram-se uma espécie de centro de actividades mercenárias no Sul global.”

COMBATENTES TURCOS NO SAHEL E NA ÁFRICA OCIDENTAL

As EMP turcas também entraram no mercado africano e são conhecidas por empregar sírios para lutar ao lado das suas EMP no Sahel e na África Ocidental. Em 2024, a Sadat International Defense Consultancy de Ancara, uma EMP estreitamente aliada ao presidente Recep Tayyip Erdoğan, enviou 1.100 combatentes recrutados em campos de refugiados sírios para o Níger.

“No Níger, os mercenários sírios devem guarnecer minas, instalações petrolíferas ou bases militares,” Rami Abdel-Rahman, director do Observatório Sírio para os Direitos Humanos, com sede em Londres, disse ao jornal francês, Le Monde. “Mas acabam por se ver envolvidos em combates contra grupos jihadistas.”

Também foram relatados contratantes turcos no Togo, onde pilotaram helicópteros de ataque. Dois terão sido mortos em combate com o JNIM.

“A Turquia também tem oportunidades de aumentar a cooperação económica e militar com o Burquina Faso e o Mali, mas a maior presença da Rússia, em ambos os países, constituirá um obstáculo maior,” o analista Liam Karr escreveu para o Instituto para o Estudo da Guerra.

As EMP turcas estão envolvidas em funções mais tradicionais de garantia de segurança de infra-estruturas económicas e serviços de treino de forças. Embora as EMP turcas tenham concorrido por muitos dos mesmos contratos que as empresas russas e dos Emirados Árabes Unidos e empreguem táticas de recrutamento semelhantes, elas são geralmente vistas como uma opção mais palatável e disciplinada, com risco mínimo de brutalidade operacional e violações de direitos humanos.

FORÇAS MERCENÁRIAS NÃO GARANTEM ESTABILIDADE A LONGO PRAZO

Os defensores da contratação de mercenários citam o seu valor na manutenção dos esforços de manutenção da paz e na prestação de assistência humanitária, muitas vezes, em zonas de conflito e áreas onde as forças governamentais não estão dispostas ou não são capazes de agir.

No entanto, os analistas temem que os mercenários não sejam responsabilizados pelas atrocidades cometidas contra civis em zonas de conflito e que haja um risco de confusão e consequências indesejadas quando outras forças militares estão activas no mesmo teatro de operações. Alguns observadores também consideram preocupante o uso de concessões de recursos naturais para pagar mercenários e outros serviços de segurança, como na RCA e no Mali.

“Na prática, esses governos estão a hipotecar o futuro económico dos seus países a grupos estrangeiros que, ironicamente, prosperam com a instabilidade como fonte de demanda pelos seus serviços,” Alan Doss, ex-subsecretário-geral da ONU, escreveu na revista African Arguments.

Os mercenários também podem não estar interessados em garantir a estabilidade a longo prazo das nações que

os contratam. Em Janeiro de 2025, quase 300 mercenários romenos recrutados para ajudar o exército da RDC a combater os rebeldes do M23 retiraram-se para o Ruanda e acabaram por regressar a casa.

Numa reportagem da BBC, um dos mercenários romenos disse que o M23, que afirma lutar para proteger os direitos da etnia Tutsi, era apoiado por equipamento militar de última geração e que o exército da RDC desistiu. “As missões eram desorganizadas, as condições de trabalho eram precárias,” disse um outro. “Os romenos devem parar de ir para lá porque é perigoso.”



Combatentes sírios, alguns dos quais recrutados pela Turquia para guarnecer minas e bases no Níger, viram-se a lutar contra grupos insurgentes. AFP/GETTY IMAGES

Alguns analistas afirmam que treinar forças militares indígenas para combater insurgências internas é mais eficaz do que contratar combatentes estrangeiros. Na região da Puntlândia, na Somália, as forças de segurança destruíram, em Janeiro de 2025, várias bases operacionais do grupo Estado Islâmico (EI) nas montanhas Cal Miskaad. Os ataques faziam parte de uma estratégia mais ampla das autoridades da Puntlândia para recrutar os clãs étnicos da região na luta contra o EI.

“A luta não pode ser vencida apenas pelas forças de segurança,” afirmou o primeiro vice-presidente da Assembleia Nacional da Puntlândia, Mohamed Bari Shire. “Precisamos da coragem e da cooperação das pessoas para proteger as nossas comunidades.”

Ao analisar o panorama da segurança em África, a maioria dos especialistas em segurança do continente concorda que o uso de mercenários ou ESP não conduz à paz a longo prazo.

“Os governos africanos e outros devem reconhecer que os mercenários não são a resposta para as fraquezas do Estado,” Doss escreveu para a African Arguments. “Muito pelo contrário: eles são antitéticos à construção do Estado, pois não contribuem de maneira sustentável para o aumento da capacidade do Estado. Os governos que dependem de mercenários ou ESMP ... para reforçar a sua segurança nacional provavelmente permanecerão vulneráveis à instabilidade.” □

A GUERRA POR PROCURAÇÃO DO SUDÃO

Países de Fora de
África Escolhem
Lados em Busca de
Lucro e Influência

EQUIPA DA ADF

Enquanto dois generais no Sudão causam estragos no seu país em busca de riqueza e poder, outros países entram na jogada, procurando uma parte do bolo.

A guerra, que começou em 2023, devastou o país. Algumas estimativas apontam para um número de mortos que pode chegar a 150.000. Mais de 14,6 milhões de pessoas perderam as suas casas, tornando esta a pior crise de deslocados do mundo. A guerra também levou o país à beira da fome, com 30,4 milhões de pessoas — mais da metade da população do país — a precisar de ajuda humanitária.

As facções beligerantes na “Guerra dos Generais” do Sudão são as

Forças Armadas do Sudão (SAF), sob o comando do General Abdel Fattah al-Burhan, e as Forças de Apoio Rápido (RSF), paramilitares da oposição, lideradas pelo antigo líder janjaweed conhecido como Hemedti. Nenhum dos lados articulou uma visão política clara, indicando que são as disputas pela riqueza do país, e não a ideologia, que estão a alimentar o conflito. Essa riqueza inclui as minas de ouro, cobre e minério de ferro do país, petróleo e produção agrícola.

Os países estrangeiros, particularmente na região do Golfo, estão a apoiar oportunisticamente os lados do conflito, na tentativa de obter acesso aos recursos naturais do Sudão, ao

seu litoral de 850 quilómetros no Mar Vermelho e à sua posição estratégica como porta de entrada para o Sahara, o Sahel e o Corno de África.

“O conflito no Sudão evoluiu para um conflito com múltiplas facções, bem como diferentes dinâmicas históricas e geopolíticas,” Theophilus Dirisu escreveu para o Quays News. “O Sudão tornou-se um microcosmo de um jogo de poder mais amplo, no qual as potências emergentes do Médio Oriente procuram projectar o seu poder e obter vantagem sobre os seus rivais.”

Os países com interesses na guerra vão além de África e do Médio Oriente. China, Irão, Rússia, Arábia



Saudita e Emirados Árabes Unidos tomam partido abertamente e, em alguns casos, forneceram armas e material que continuam a alimentar o conflito. Além de expandir a sua influência e desenvolver futuras fontes de receita sudanesas, alguns países que fornecem armas através da venda de armamento têm, na verdade, a ganhar financeiramente quanto mais a guerra se prolongar.

“O Sudão parece ser uma vitória fácil que se pode obter por um preço baixo,” o académico sudanês Magdi el-Gizouli disse numa reportagem da Bloomberg. “Pode-se obter a costa do Mar Vermelho, pode-se obter influência política em Cartum, pode-se obter

recursos minerais a um preço muito baixo. Pode-se obter lucros enormes com um país como o Sudão.”

IRÃO COMERCIALIZA ARMAS EM TROCA DE INFLUÊNCIA

Desde o início de 2024, o Irão tem enviado aviões de carga para o porto do Sudão, controlado pelas SAF. A BBC e outras fontes noticiosas relataram evidências de que o Irão está a fornecer drones armados às SAF.

“Relatos sugeriram que essas entregas incluíam drones que mais tarde foram usados para bombardear uma passagem em Omdurman, quebrando um cerco,” noticiou a Quays News. “O Irão quer expandir

Um manifestante segura uma bandeira sudanesa durante uma manifestação contra o regime militar em Cartum, em 2022. REUTERS

a sua influência em África, particularmente no Mar Vermelho.”

O Sudão tinha um histórico de cooperação militar com o Irão antes do fim das relações em 2016, devido a um conflito entre o Irão e a Arábia Saudita, quando o Sudão se aliou à Arábia Saudita. Desde o início do conflito actual, o governo sudanês restaurou as relações com Teerão.

“O Irão está à procura de uma posição na região,” Suliman Baldo, director do Observatório de Transparência e Política do Sudão,



Pessoas reúnem-se numa escola transformada em abrigo em Port Sudan, em Agosto de 2024. Milhões de pessoas ficaram desabrigadas como resultado da guerra civil no país. REUTERS

disse à BBC. “Se receberem concessões geoestratégicas, certamente fornecerão drones mais avançados e numerosos.”

Em Março de 2024, o Irão solicitou ao Sudão a criação de uma base naval no Porto do Sudão, no Mar Vermelho. As SAF rejeitaram o pedido do Irão. Apesar da rejeição, o Irão teria fornecido drones Mohajer-6 às SAF, de acordo com o Atlantic Council.

Em Fevereiro de 2025, o Irão e o Sudão revelaram uma nova aliança, com o então ministro das Relações Exteriores do Sudão, Ali Youssef, reunindo-se em Teerão com o seu homólogo iraniano, Abbas Araqchi, e o presidente do Parlamento iraniano, Mohammad Bagher Ghalibaf. A Al Jazeera e agências de notícias iranianas afirmaram que os dois países estavam a trabalhar num “plano claro para promover interesses mútuos.” Eles teriam concordado com isenções mútuas de vistos de entrada para portadores de passaportes diplomáticos, especiais e oficiais. Relatos indicam que o Irão ainda está a negociar com o Sudão uma base naval iraniana no Mar Vermelho.

RÚSSIA QUER BASE NAVAL

No passado, o Grupo Wagner de mercenários russos apoiou Hemedti e as RSF, motivado pelo controlo de Hemedti sobre as minas de ouro do

Sudão. As RSF ajudaram a contrabandear grandes quantidades de ouro para o Médio Oriente, onde é vendido no mercado mundial. O transporte de ouro enriqueceu Hemedti e forneceu apoio financeiro crucial às RSF. Também ajudou a financiar a guerra da Rússia com a Ucrânia, afirmam os investigadores.

O envolvimento da Rússia no Sudão também tem sido impulsionado pelo seu interesse estratégico em garantir o acesso ao Mar Vermelho.

Em troca do acesso às minas de ouro, o Grupo Wagner forneceu às RSF mísseis terra-ar, permitindo-lhes alvejar e abater caças das SAF, de acordo com os relatos.

O Sudão partilha uma fronteira de 382 quilómetros com a Líbia, no extremo noroeste, o que se revelou uma vantagem para o Grupo Wagner, agora conhecido como Africa Corps. Os mercenários russos estão alinhados com o Marechal Khalifa Haftar,

o homem forte do leste da Líbia. Relatos mostram que os mercenários têm se envolvido num extenso contrabando de combustível através da fronteira para beneficiar as RSF. Entre Abril e Outubro de 2024, a Rússia forneceu 2,8 milhões de barris de diesel e gasolina ao Sudão, representando quase metade das importações de combustível do país, informou a Bloomberg.

O envolvimento da Rússia no Sudão também tem sido impulsionado pelo seu interesse estratégico em garantir o acesso ao Mar Vermelho. Depois de aliar-se às RSF desde o início da guerra, a Rússia mudou a sua aliança para as SAF em 2024. A mudança foi provocada por um acordo de 2017 que prometia a Moscovo uma base naval em Port Sudan, mas que ficou parado. Após reuniões diplomáticas em meados de Fevereiro de 2025, o Sudão concordou em permitir uma base naval russa no país.

Uma base naval russa no Sudão apoiaria os objectivos estratégicos da Rússia em África e no Mediterrâneo, “ao mesmo tempo em que diminuiria a dependência russa das bases na Síria

Soldados das Forças Armadas do Sudão comemoram a libertação do exército de uma refinaria de petróleo em North Bahri, em Janeiro de 2025. REUTERS



após o colapso do regime de Bashar al Assad,” informou o Instituto para o Estudo da Guerra. O instituto também observou que a Rússia poderia permitir que o Irão operasse a partir da base proposta em Port Sudan.

CHINA QUER RECURSOS E ACESSO

A China tem uma longa história com o Sudão, que remonta ao reconhecimento diplomático mútuo em 1959. A certa altura, a China foi o maior fornecedor de armas do Sudão. A participação de Pequim no Sudão diminuiu significativamente desde que o Sudão do Sul ficou com a maior parte das reservas de petróleo quando se tornou independente em 2011. Ainda assim, o Sudão continua a ser um dos parceiros importantes da China, com um mercado de exportação no valor de 1,3 bilhões de dólares.

A China está interessada nos depósitos de ouro do Sudão e na localização de Port Sudan, no Mar Vermelho, como centro comercial regional, um analista disse à Voz da América. O governo chinês não tomou uma posição oficial sobre o Sudão. A Amnistia Internacional afirma que a China armou ambos os lados do conflito, fornecendo drones armados de fabrico chinês, bloqueadores avançados de drones, morteiros e espingardas antimaterial. Relatos indicam que a China está a negociar a venda de aviões a jacto avançados para as SAF. Relatos não confirmados indicam que as SAF já possuem alguns desses aviões.

A China construiu um porto de 140 milhões de dólares em Port Sudan para transportar camelos e está em negociações com as SAF para investir numa nova refinaria de petróleo e reconstruir o maior matadouro do país, de acordo com uma reportagem da Bloomberg de Dezembro de 2024.

EAU COMO O ‘MAIOR ACTOR ÚNICO’

Os investigadores e repórteres afirmam que os Emirados Árabes Unidos (EAU) têm participado activamente na guerra do Sudão. O

Observatório do Conflito do Sudão afirma que começou a acompanhar os movimentos dos EAU em 2023 e registou 32 voos entre Junho de 2023 e Maio de 2024, concluindo com “quase certeza” que se tratava de transferências de armas dos EAU para as RSF. No final de 2024, o jornal Sudan Tribune noticiou que os EAU concordaram em parar de fornecer armas às RSF.

“
Nesta teia de interferência externa, as elites militares sudanesas continuam a apostar o futuro da sua nação numa promessa efémera de domínio, deixando um rasto de devastação.”

— Emadeddin Badi,
Atlantic Council

Os analistas afirmam que os EAU são o interveniente estrangeiro que mais investiu na guerra. Consideram o Sudão, rico em recursos e estrategicamente localizado, uma oportunidade para expandir a sua influência e controlo no Médio Oriente e na África Oriental, de acordo com a página da internet de notícias The Conversation.

“Desde 2018, os EAU investiram mais de 6 bilhões de dólares no país,” a investigadora May Darwich escreveu para o The Conversation. “Isso inclui reservas estrangeiras no banco central sudanês, projectos agrícolas e um porto no Mar Vermelho. Os EAU também recrutam e pagam combatentes do Sudão, principalmente das Forças de Apoio Rápido, para se juntarem ao seu conflito no Iémen.”

Outros afirmam que os EAU têm uma influência significativa sobre as partes beligerantes e poderiam usá-la para promover a paz.

“Os EAU são o maior interveniente na guerra do Sudão,” a jornalista sudanesa Nesrine Malik escreveu numa coluna de Janeiro de 2025 para o jornal The Guardian. “O Estado do Golfo tem um padrão de agir como fazedor de reis nas guerras africanas, apostando para que, se o seu parceiro escolhido prevalecer, os EAU tenham acesso a vastos recursos e poder geopolítico.”

ARÁBIA SAUDITA FORMA ALIANÇA

Tal como os EAU, a Arábia Saudita investiu fortemente na economia do Sudão, com foco em infra-estruturas, mineração, agricultura e acesso portuário ao Mar Vermelho. A Arábia Saudita está a tentar garantir rotas marítimas e proteger os seus investimentos a longo prazo. Tem apoiado abertamente as SAF sob o comando de al-Burhan.

Tropas sudanesas também teriam servido como soldados mercenários em campanhas orquestradas pela Arábia Saudita, fortalecendo os laços entre os dois governos.

A aliança com as SAF serve as ambições regionais da Arábia Saudita, incluindo o apoio à liderança do príncipe herdeiro Mohammed bin Salman e o avanço dos seus objectivos económicos, sociais e culturais de longo prazo, conhecidos como Visão 2030. O plano data de 2016.

A cooperação do governo saudita com as SAF tem raízes na cooperação militar, no investimento económico e em interesses regionais estratégicos, incluindo esforços para combater a influência iraniana. No entanto,



Mulheres sudanesas que trabalham nas cozinhas comunitárias distribuem refeições a pessoas afectadas pela guerra e pela fome em Omdurman, em Julho de 2024. REUTERS

Famílias fogem das Forças de Apoio Rápido no Estado de El Gezira, no Sudão, em Junho de 2024. REUTERS



devido às complexidades políticas da região e à devastação causada pela guerra no Sudão, a Arábia Saudita também tentou organizar negociações de paz. O resultado foi uma aliança complicada e, por vezes, frágil entre os dois países.

PROLONGANDO A GUERRA

Todos os anos, a Lista de Vigilância de Emergências do Comité

Internacional de Resgate analisa os países mais susceptíveis de sofrer uma crise humanitária nova ou agravada. Pelo segundo ano consecutivo, o Sudão liderou a lista em 2025, numa altura em que o colapso do país se acelera no meio de uma guerra brutal.

O comité afirma que, em vez de promover a diplomacia, as potências externas estão a alimentar o conflito, canalizando armas para os

seus aliados. “Os líderes das SAF e das RSF parecem acreditar que a continuação dos combates serve melhor os seus interesses, deixando o Sudão numa trajectória rumo a um colapso humanitário catastrófico,” observou o comité.

Emadeddin Badi, investigador sénior dos Programas do Médio Oriente do Atlantic Council, defende que a extensa interferência estrangeira no Sudão está apenas a prolongar a guerra.

“Nesta teia de interferência externa, as elites militares sudanesas continuam a apostar o futuro da sua nação numa promessa efémera de domínio, deixando um rasto de devastação,” escreveu Badi. □

MARROCOS

Pedidos de Stingers dos EUA Num Negócio de 825 Milhões de Dólares

DEFENCEWEB

O Marrocos está a trabalhar para adquirir mísseis FIM-92K Stinger Block I dos Estados Unidos num negócio que pode chegar a 825 milhões de dólares. O país solicitou cerca de 600 mísseis, bem como serviços de engenharia, logística e apoio técnico do contratante.

As autoridades americanas afirmaram que os mísseis ajudarão a modernizar as forças armadas de Marrocos e expandir as opções de defesa aérea de curto alcance do exército. "Isso contribuirá para os objectivos do Exército Marroquino de actualizar a sua capacidade e melhorar ainda mais a interoperabilidade com os EUA e outros aliados," afirmaram as autoridades americanas.

O FIM-92K Stinger Block I é uma variante avançada da família Stinger de mísseis terra-ar, projectada principalmente para defesa aérea de curto alcance. Ao contrário dos modelos Stinger anteriores,

que podiam ser operados por um único soldado, o FIM-92K é normalmente integrado em sistemas de defesa aérea terrestres autopropulsores.

O míssil foi concebido para alvos em todos os aspectos, permitindo-lhe enfrentar ameaças de qualquer direcção, aumentando a sua letalidade contra alvos aéreos em movimento rápido. Uma característica distintiva do FIM-92K é a sua capacidade de ligação de dados, que lhe permite fixar alvos após o lançamento. Isso permite que o míssil seja disparado antes de fixar um alvo, ampliando o seu envelope de ataque efectivo, sobretudo contra alvos de baixa assinatura ou evasivos, como pequenos drones.

O FIM-92K utiliza um dispositivo de ignição que melhora significativamente a sua eficácia contra alvos aéreos pequenos, ágeis ou não tripulados, detonando a ogiva quando perto do alvo, em vez de exigir um impacto directo.



Os mísseis FIM-92 Stinger podem ser disparados do ombro ou de embarcações terrestres, aéreas ou aquáticas.

SARGENTO SCOTT JENKINS/FUZILEIROS NAVAIS DOS EUA

ZÂMBIA

Planeia Expandir a Frota Aérea

EQUIPA DA ADF

A Zâmbia planeia comprar helicópteros de transporte Bell 412 usados e apoio associado dos Estados Unidos, com um valor estimado de 100 milhões de dólares.

Dependendo do ano do modelo e do estado dos helicópteros Bell 412EP, que variam entre 2,6 milhões de dólares para um modelo de 1994 e 9,6 milhões de dólares para um modelo de 2016, a Zâmbia poderá adquirir entre 10 e 38 unidades.

A Força Aérea da Zâmbia opera uma frota de helicópteros utilitários, incluindo 12 Bell 205, dois Bell 206 e dois Bell 212 dos Estados Unidos. Os helicópteros desempenham várias funções, incluindo transporte, evacuação médica e apoio a outras operações governamentais. A Zâmbia encomendou dois Enstrom 480 fabricados nos EUA para treino.

A Força Aérea também participa na Missão da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral em Moçambique, destacando um avião de transporte C-27J Spartan e um regimento de protecção para apoiar os esforços de estabilização em Cabo Delgado.

Produzido desde 1979, o Bell 412, parte da família Huey, é um helicóptero utilitário com duas turbinas desenvolvido pela empresa norte-americana Bell Helicopter como uma versão actualizada do Bell 212. Possui um rotor principal composto por quatro hélices, substituindo o sistema de duas hélices do 212.

O 412 possui um sistema duplo de controlo de voo automático digital e motores Pratt & Whitney PT6T-3D. O 412 é capaz de realizar missões civis e militares, tais como busca e salvamento, evacuação médica e transporte no mar alto.

Os helicópteros irão melhorar a capacidade da Zâmbia para realizar missões de manutenção da paz e segurança regional, resposta a catástrofes e ajuda humanitária em longas distâncias e em condições meteorológicas difíceis.

A Zâmbia poderá adquirir até 38 helicópteros Bell 412.

EXÉRCITO DOS EUA



Egipto Planeia Modernizar EMBARCAÇÃO MÍSSEL RÁPIDA

DEFENCEWEB

O Egipto planeia modernizar quatro das suas embarcações de mísseis rápidos para combater o crime marítimo e proteger as suas rotas marítimas. O governo dos EUA aprovou o acordo, que está avaliado em cerca de 625 milhões de dólares.

A embarcação de mísseis da Marinha egípcia da classe Ambassador III, Soliman Ezzat, navega no Mar Árábico.

CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS
DOS EUA

Os EUA afirmam que o governo egípcio solicitou novos equipamentos ou actualizações do sistema para gestão de combate, radares de vigilância aérea e de superfície, iscas, sensores electroópticos/infravermelhos, guerra electrónica, distribuição de dados de navegação, inteligência de comunicações e radar de controlo de fogo. O Egipto também solicitou a modernização de canhões de 76 mm.

O projecto egípcio de embarcações rápidas com mísseis, no valor de 1,1 bilhão de dólares, começou em 2005, quando os EUA concordaram em ajudar a produzir um novo navio. Uma empresa na altura chamada VT Halter Marine, em Pascagoula, Mississippi, recebeu um contrato para construir quatro embarcações da classe Ambassador IV, de 63 metros, para o governo egípcio.

O primeiro navio, ENS Soliman Ezzat, foi transferido para a Marinha Egípcia em 2013, e o segundo, ENS F Zerky, foi entregue um mês depois. Os dois navios restantes, ENS M Fahmy e ENS A Gad, chegaram em 2015.

Cada embarcação transporta um canhão super-rápido de 76 mm, oito mísseis Harpoon block II, mísseis Mk 49 Rolling Airframe, sistemas de armas de curto alcance Block 1B e duas metralhadoras M60.

As embarcações rápidas de mísseis têm uma velocidade máxima de 41 nós. Uma tripulação de 38 pessoas pode operar no mar por até oito dias a bordo da embarcação. Uma superestrutura de alumínio reduz o peso total, a manutenção e a assinatura do radar, e os cascos são feitos de aço.

As embarcações rápidas de mísseis do Egipto defendem contra ameaças armadas de superfície e navais nas vias navegáveis costeiras do Mar Mediterrâneo, Canal de Suez e Mar Vermelho.



A estação terrestre BOTSAT-1

UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DE CIÊNCIA
E TECNOLOGIA DO BOTSWANA (BIUST)

PRIMEIRO LANÇAMENTO DE SATÉLITE DO BOTSWANA É UM MODELO PARA OS PAÍSES AFRICANOS

EQUIPA DA ADF

O **Botswana** lançou o seu primeiro satélite, o BOTSAT-1, numa iniciativa liderada por 80 voluntários da Universidade Internacional de Ciência e Tecnologia do Botswana. Apesar de o Botswana não ter uma agência espacial nem uma política espacial nacional, o lançamento constitui um modelo para os países em desenvolvimento que pretendem marcar presença no espaço, segundo noticiou a Space in Africa.

Desenvolvido ao longo de quatro anos, o BOTSAT-1 foi lançado em órbita pelo foguete Falcon 9 da Space X em Março de 2025 e está a orbitar a Terra a uma altitude de cerca de 500 quilómetros. Ele varre o Botswana com uma área de observação de cerca de 32 quilómetros, oferecendo dados valiosos para a conservação ambiental, segurança alimentar e planeamento urbano.

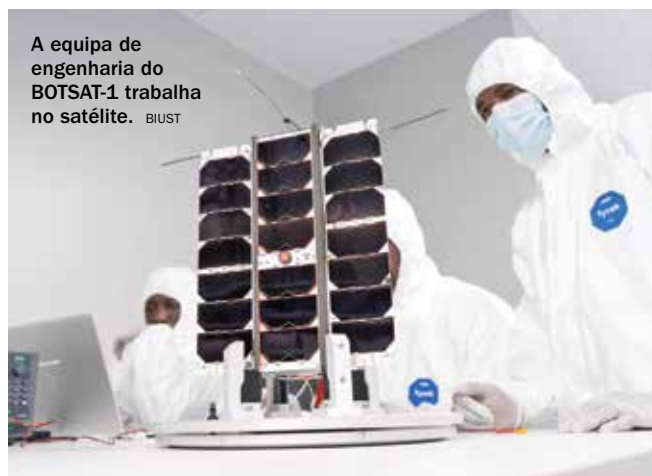
“Em vez de comprar dados de satélite de fornecedores externos, a equipa do Botswana tomou a iniciativa de desenvolver o seu próprio satélite,” informou a Space in Africa. “Esta decisão não só proporcionaria as capacidades de observação da Terra necessárias, como também promoveria os objectivos de desenvolvimento das capacidades humanas do país.”

O Dr. Dimane Mpoeleng, líder do projecto da missão BOTSAT-1, disse que o esforço do satélite faz parte de um impulso nacional para iniciar um programa espacial.

“O governo agora priorizou a criação de uma agência espacial, que será fundamental para a implementação das missões BOTSAT subsequentes,” Mpoeleng disse à Space in Africa.

A equipa já está a trabalhar no BOTSAT-2 e está a estabelecer parcerias com escolas para inspirar as crianças a estudar ciências espaciais. A primeira mensagem a ser partilhada pelo BOTSAT-1 foi o hino nacional do país em Setswana, a língua nacional do Botswana.

“O lançamento bem-sucedido do BOTSAT-1 é o primeiro passo na estratégia espacial mais ampla do Botswana, que visa expandir as capacidades do satélite do país para pesquisa científica, sustentabilidade ambiental e transformação digital,” informou a Dragonfly Aerospace. “Isso também abre um precedente para futuras missões espaciais lideradas por África, demonstrando o poder das parcerias estratégicas na promoção da inovação.”



A equipa de engenharia do BOTSAT-1 trabalha no satélite. BIUST



Marinheiros testam o simulador de ponte de missão completa no Comando de Treinamento Naval de Nutekpor, Gana.

GHANA PEACE JOURNAL

Simulador Prepara Marinheiros Ganeses para PERIGOS MARÍTIMOS

EQUIPA DA ADF

A Marinha do Gana inaugurou um simulador de ponte de missão completo e de última geração para melhorar a navegação, a segurança e a tomada de decisões dos marinheiros. O simulador foi construído com o apoio da Dinamarca e está localizado no Comando de Treinamento Naval de Nutekpor, na região do Volta, no Gana.

O sistema inclui um simulador de ponte de missão completa de 270 graus, três simuladores de tarefas parciais de 120 graus, duas estações de instrutor, uma sala de reuniões, uma sala de servidores e escritórios de instrutores. O seu design replica os desafios e perigos que os marinheiros podem enfrentar no Golfo da Guiné.

O simulador foi baptizado como Centro de Simulação Lill-May Didriksen, em homenagem a uma oficial pioneira da Marinha Real Dinamarquesa.

As autoridades acreditam que o ensino digital interactivo é essencial para preparar os marinheiros para os piores cenários sem arriscar as suas vidas ou tirar navios de serviço para treino.

“Na nossa era digitalizada, o treino por simulação surgiu como uma ferramenta indispensável para desenvolver as competências necessárias para enfrentar os desafios marítimos modernos,” afirmou Marietta Agyeiwaa Brew, conselheira jurídica do presidente do Gana. “Instalações como o Centro de Simulação Lill-May Didriksen exemplificam o futuro do treino prático, oferecendo sistemas avançados que reproduzem cenários do mundo real num ambiente controlado e seguro.”

O Gana forneceu 322.000 dólares para a construção, e a Dinamarca pagou pela aquisição de tecnologia no valor de 370.000 dólares da empresa Wärtsilä Voyage. A Academia Marítima Internacional de Svendborg, da Dinamarca, treinou os instrutores.

O comodoro ganês Solomon Asiedu-Larbi, oficial comandante do Comando de Treinamento Naval, disse que o centro proporcionará aos seus marinheiros habilidades práticas, confiança e experiência para operar com calma e eficácia no mar, mesmo durante emergências.

“No nosso trabalho, precisão, prontidão e profissionalismo são inegociáveis,” disse. “As operações navais são inerentemente complexas e exigem competência inabalável.”

O Gana também espera que estas ferramentas de formação expandam o seu sector marítimo e incentivem os jovens a trabalhar no sector e impulsionar a economia do país.

“Em todo o mundo, os espaços marítimos seguros levaram ao florescimento da pesca, ao aumento do comércio marítimo e a projectos sustentáveis de energia offshore,” disse Brew. “Estamos, portanto, determinados a replicar este sucesso no Gana.”

QUÊNIA DESEMPENHA UM PAPEL DE LIDERANÇA NA CRIAÇÃO DE UM PLANO PARA O USO MILITAR DA IA

EQUIPA DA ADF

Cerca de 60 países aprovaram o plano para o uso da inteligência artificial (IA) nas forças armadas, que foi votado na conferência IA Responsável no Domínio Militar, realizada na Coreia do Sul em 2024. O Quênia foi co-anfitrião do evento e tem sido um líder continental na defesa da necessidade de avaliações de risco rigorosas e supervisão humana das operações de IA.

“Estamos empenhados em continuar a participar no processo de desenvolvimento da resolução da ONU sobre IA Responsável no Domínio Militar [REAIM], que sublinha a necessidade de garantir que o desenvolvimento, a implantação e a utilização da IA promovam a paz, a segurança e a dignidade humana,” a Ministra da Defesa do Quênia, Soipan Tuya, disse numa publicação no X. “O Quênia está igualmente firme no seu compromisso de implementar o Plano de Acção REAIM, que defende a transparência, a responsabilidade e a inclusão no desenvolvimento da IA.”

O documento enfatiza a prevenção do uso da IA para proliferar armas de destruição maciça por agentes malintencionados, incluindo grupos terroristas. O mesmo ressalta a necessidade de controlo e envolvimento humano, particularmente na implantação de armas nucleares. Nem a China nem a Rússia aprovou o documento.

O Ministro da Defesa dos Países Baixos, Ruben Brekelmans, disse à Reuters que o documento mais recente é mais “orientado para a acção” do que os anteriores. Ele descreve as avaliações de risco que devem ser realizadas antes do uso da IA, a necessidade de estabelecer condições como a manutenção do controlo humano e a importância de desenvolver medidas de construção de confiança para gerir riscos.

“Estamos a dar mais passos concretos,” disse Brekelmans. “No ano passado... foi mais sobre criar um entendimento comum; agora estamos a avançar mais para a acção.”

Em Junho de 2024, o Quênia acolheu o primeiro workshop regional africano sobre o uso responsável da inteligência artificial nas forças armadas, em Nairobi. Durante o evento, o chefe das Forças de Defesa do Quênia, General Charles Kahariri, falou sobre o poder da IA para melhorar o processo de tomada de decisão dos profissionais de segurança e reforçar os esforços de segurança nacional.

“É essencial desenvolver um quadro regulamentar abrangente que regule a utilização da IA em operações militares,” afirmou Kahariri, de acordo com a Kenyan Foreign Policy. “É crucial desenvolver capacidades locais para desenvolver, implementar e regulamentar a IA.”



O Ministro da Defesa do Quênia, Soipan Tuya, à direita, fala durante a conferência IA Responsável no Domínio Militar em Seul, Coreia do Sul.

MINISTÉRIO DA DEFESA DO QUÊNIA

Soldados Quenianos Combatem Incêndio e **RECUPERAM A ESPERANÇA NA REGIÃO EM CONFLITO**

EQUIPA DA ADF

Quando um grande incêndio florestal irrompeu na Reserva Nacional de Turkana South, no Quênia, os soldados da Operação Maliza Uhalifu (OMU) das Forças de Defesa do Quênia (KDF) estavam no local para conter as chamas e salvar terras, propriedades e vidas.

A resposta multisectorial ao incêndio em Janeiro de 2025 também incluiu o Serviço de Vida Selvagem do Quênia, a Unidade de Serviços Gerais, o Serviço de Parques Nacionais e a Unidade Anti-Roubo de Gado.

A resposta foi apenas a mais recente conquista da OMU, que foi lançada em 2023 para combater o banditismo nas regiões de North Rift e Eastern. Particularmente preocupante foi o aumento dos confrontos entre milícias pastorais fortemente armadas, por vezes denominadas “senhores da guerra do gado,” que roubam gado e aterrorizam as comunidades.

Durante o primeiro ano da OMU, a violência dos pastores diminuiu

50%, de acordo com o projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos (ACLED). “A operação foi caracterizada por toques de recolher do anoitecer ao amanhecer, rastreamento de milícias e apreensão de gado roubado,” relatou o ACLED em 2024.

A região também registou uma queda de 60% no roubo de gado entre Fevereiro de 2023 e o final de 2024, informou o Ministério do Interior. Em Dezembro de 2024, uma operação policial recuperou 172 armas de fogo ilegais e mais de 10.000 animais roubados. A operação resultou na prisão e acusação de 250 suspeitos.

“A situação de segurança em North Rift melhorou significativamente, graças aos esforços desta abordagem multisectorial,” disse o Ministério do Interior. “Os agentes de segurança no terreno conseguiram desarmar centenas de bandidos, dismantelar os seus esconderijos no terreno acidentado e restaurar a estabilidade nas

comunidades afectadas.”

As KDF também estão a trabalhar para restaurar a vida civil normal na região. O governo reservou 100 milhões de xelins quenianos para renovar e reabrir escolas fechadas devido à violência. As KDF estão a liderar os esforços e 26 escolas foram reabertas, permitindo que 4.000 crianças voltassem à escola, informou o jornal *The Star*, do Quênia.

“Embora comemoremos o progresso alcançado, 13 escolas continuam fechadas e os alunos foram transferidos para outras escolas,” disse o Ministério do Interior. “Reconhecemos que o caminho para a paz duradoura está em curso e, à medida que avançamos com a Operação Maliza Uhalifu, continuaremos a construir sobre estes ganhos para um North Rift seguro e um Quênia seguro.”

Um soldado das Forças de Defesa do Quênia, da Operação Maliza Uhalifu, combate um incêndio na Reserva Nacional de Turkana Sul. KDF





Escola da Força Aérea do Senegal **FORMA TÉCNICOS** para **Impulsionar a Indústria da Aviação**

EQUIPA DA ADF

O Senegal formou os seus primeiros técnicos civis de manutenção aeronáutica formados pela

Escola da Força Aérea para impulsionar a indústria da aviação do país, reforçar o sector da defesa e melhorar a auto-suficiência.

Os primeiros 29 técnicos de manutenção aeronáutica receberam os seus diplomas em Janeiro de 2025, durante uma cerimónia em Thiès. A graduação é o resultado do que está a ser chamado de uma parceria público-privada histórica, destinada a aumentar a capacidade interna do Senegal para reparar aeronaves e construir os aviões do futuro.

“É a concretização de uma visão, a de preparar os nossos jovens para os desafios do sector aeronáutico e de inscrever definitivamente o Senegal no mapa mundial da aviação,” o Coronel Ousmane Ngom, comandante da Base da Escola de Thiès, disse na cerimónia de graduação.

A escola estabeleceu uma parceria com a Air Senegal e o Aeroporto Internacional Blaise Diagne, em Dakar. Os técnicos, juntamente com 11 pilotos da turma de formandos, irão trabalhar para a Air Senegal.

“Este projecto é um exemplo de cooperação que se enquadra perfeitamente no conceito de Armée-Nation, tão caro ao nosso país,” disse o General Birame Diop, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Senegal.

Diop disse que o país pretende tornar-se um importante centro aéreo global. “Ao combinar a experiência, o material e as finanças da Força Aérea e dos seus parceiros civis, o Senegal aumenta a sua capacidade de formar jovens qualificados e capazes de responder a necessidades estratégicas como a aeroespacial,” explicou.

O General Birame Diop, chefe do Estado-Maior da Defesa das Forças Armadas do Senegal, entrega diplomas a técnicos de manutenção aeronáutica. DIRPA

NOVA BASE E NAVIO SINALIZAM A INTENÇÃO DO GANA DE SER UMA **‘POTÊNCIA MARÍTIMA’**

EQUIPA DA ADF

O Gana está a investir na segurança marítima para apoiar a sua crescente economia azul e proteger os recursos marítimos.

No início de 2025, o Gana mandou construir uma base operacional avançada (FOB, na sigla inglesa) em Ezinlibo, na região ocidental, e recebeu um navio de fabrico japonês, o GNS Achimota, de 65 metros, na Base Naval de Sekondi. A FOB de Ezinlibo é agora a maior estação naval do país e deverá fornecer apoio logístico e alojamento para o pessoal, apoiando simultaneamente os esforços da Marinha do Gana no combate à pesca ilegal, à pirataria e a outras ameaças à segurança no Golfo da Guiné.

A base de Ezinlibo junta-se a uma rede de FOB em todo o país, incluindo as de Bui, Kenyase e Sankore. Estão previstos novos projectos para Ada, Elmina, Keta e Winneba.

O GNS Achimota é o maior navio da Marinha do país. O então presidente do Gana, Nana Akufo-Addo, disse que esses activos ajudarão a promover a paz e a estabilidade regional.

“O GNS Achimota é um símbolo poderoso de quão longe a nossa Marinha chegou nos seus 65 anos de serviço,” Akufo-Addo disse numa publicação no Facebook. “Como afirmei durante a cerimónia, ‘o GNS Achimota representa a evolução da nossa Marinha e um marco de resiliência, serviço e crescimento.’ Isso reflecte a nossa dedicação inabalável em tornar o Gana uma potência marítima na região.”

A Kurinoura Shipbuilding construiu o Achimota no Japão em 1999. É movido por uma propulsora fixa de hélice única e motor a diesel. Possui sistemas avançados de navegação, comunicação e vigilância, informou o The Defense Post. Servirá como plataforma de treino militar. O Gana espera a entrega de dois barcos de patrulha offshore para ajudar a proteger a infra-estrutura de petróleo e gás do país, informou a revista Military Africa.

“O GNS Achimota não é apenas um navio, mas um farol de esperança,” o Chefe do Estado-Maior da Marinha do Gana, o Contra-Almirante Issah Adam Yakubu, disse numa cerimónia no dia 21 de Dezembro de 2024, que marcou a chegada do navio.

O GNS Achimota, com 65 metros, é o maior navio da Marinha do Gana e ajudará a combater a pirataria e a pesca ilegal. MARINHA DO GANA



Uganda Reforça Capacidades com Instalações para Veículos

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS NO UGANDA

A Força de Defesa Popular do Uganda (UPDF) adquiriu instalações avançadas de manutenção de veículos no valor de 1,5 milhões de dólares para aumentar a sua capacidade de auto-sustentabilidade logística.

O Centro de Capacidades de Reacção Rápida do Uganda inclui docas de manutenção, um posto de abastecimento e armazenamento de combustível, uma vala de inspecção de veículos, edifícios administrativos e uma cerca de segurança. A instalação de manutenção tem docas abertas e com cobertura que permitem que vários veículos sejam trabalhados ao mesmo tempo.

A entrega da instalação, financiada pelos EUA, dá continuidade aos esforços anteriores para melhorar a capacidade da UPDF de mobilizar tropas e mantê-las em campo. A UPDF recebeu um segundo Hospital de Campanha Móvel de Nível 2 das Nações Unidas em Outubro de 2024, projectado para mobilização rápida. Este desempenha um papel fundamental na prestação de cuidados médicos em operações de emergência, apoiando simultaneamente as necessidades de saúde dos cidadãos ugandeses.

Os EUA estão empenhados em aumentar a capacidade de auto-sustentabilidade dos países africanos, a fim

Veículos estacionados numa nova instalação de manutenção que os EUA forneceram à Força de Defesa Popular do Uganda para reforçar as suas capacidades de mobilização rápida.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS NO UGANDA



Soldados ugandeses aguardam a chegada de outras equipas após concluírem um curso de navegação terrestre em Kasenyi, Uganda. FORÇA AÉREA DOS EUA

de permitir que estes implementem “soluções africanas para problemas africanos.” O Uganda é um dos principais países que contribuem com tropas para operações de apoio à paz no continente africano, incluindo a contribuição de mais de 4.000 soldados para a missão da União Africana na Somália.



AFP/GETTY IMAGES

Egipto Junta-se à Força de Manutenção da Paz da UA na Somália

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

O Egipto juntou-se a uma força de manutenção da paz da União Africana na Somália, numa altura em que os dois países se aproximam em meio a tensões com a Etiópia.

O Egipto juntou-se à missão antes do fim da Missão de Transição da União Africana na Somália (ATMIS) para dar lugar à Missão de Apoio e Estabilização da União Africana na Somália (AUSSOM), uma nova força contra os insurgentes do al-Shabaab. A ATMIS terminou em Dezembro de 2024.

“Acreditamos que a criação da AUSSOM oferece uma oportunidade para a comunidade internacional reorientar os seus esforços, renovar o seu compromisso e demonstrar a sua determinação em ajudar o povo irmão da Somália na sua busca pela paz, estabilidade e desenvolvimento,” o Primeiro-Ministro do Egipto, Mostafa Madbouly, disse numa cimeira organizada pelo Uganda em Abril de 2025.

As tensões aumentaram no Corno de África depois de a Etiópia ter assinado um acordo marítimo em Janeiro de 2024 com a região separatista da Somalilândia, aproximando Mogadíscio do Egipto, rival regional de Adis Abeba. A Etiópia e a Somália concordaram em Janeiro de 2025 em restaurar a representação diplomática nas suas respectivas capitais, mais de um ano depois de a Somália ter rompido relações devido a um acordo de acesso marítimo que a Etiópia, país sem litoral, assinou com a Somalilândia, informou o The Guardian.

A Turquia mediou um acordo para pôr fim à disputa amarga de quase um ano entre a Etiópia e a Somália. O Presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdoğan, saudou o avanço como “histórico.”

A Somália havia dito anteriormente que as tropas etíopes seriam excluídas da força de paz da UA, mas acolheu a participação do Egipto. Em Agosto de 2024, o Egipto assinou um acordo de cooperação militar com a Somália durante uma visita ao Cairo do presidente somali, Hassan Sheikh Mohamud. Meses depois, uma cimeira reuniu o Egipto, a Eritreia e a Somália numa nova aliança regional que foi vista como excluindo a Etiópia.

O Egipto está há muito em desacordo com Adis Abeba, particularmente em relação à Grande Barragem do Renascimento Etíope no Nilo Azul, que afirma ameaçar o seu abastecimento vital de água.

República Centro-Africana e Chade Abrem Posto Fronteiriço

NAÇÕES UNIDAS

Um passo importante foi dado na República Centro-Africana no sentido de uma melhor protecção dos civis e do regresso a uma paz duradoura com a inauguração do primeiro posto fronteiriço misto em Bembéré, entre a parte noroeste do país e o Chade.

O posto fronteiriço, construído e equipado pela Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização na República Centro-Africana (MINUSCA), abriga vários serviços estatais sob o mesmo tecto, incluindo a gendarmaria, a polícia, as alfândegas e funcionários responsáveis pela água, florestas e gado.

Representa a primeira conquista concreta da política nacional para a gestão das fronteiras centro-africanas e do seu plano de acção decenal apoiado pela MINUSCA. Cumpre os objectivos de alargar e restaurar gradualmente a autoridade do Estado em todo o território centro-africano, incluindo ao longo das suas seis fronteiras.

A fronteira entre a RCA e o Chade, com 1.556 quilómetros, estende-se dos Camarões ao Sudão. Há mais de 20 anos que milhares de refugiados da RCA atravessam a fronteira, fugindo do conflito no seu país natal.

Num discurso durante uma cerimónia de transferência de poder, Valentine Rugwabiza, chefe da MINUSCA, salientou que o posto fronteiriço misto “faz parte da implementação do acordo de paz, um dos pilares da segurança das zonas fronteiriças, que devem deixar de ser zonas de insegurança para zonas de comércio e prosperidade em benefício de todos.”

A MINUSCA continuará a sua defesa em apoio à implementação da Política Nacional para a Gestão das Zonas Fronteiriças, para que possam ser estabelecidos postos fronteiriços mistos noutras zonas do país.

A chefe da missão da MINUSCA, Valentine Rugwabiza, ao centro, comemora o início da construção de um posto fronteiriço misto em Bembéré. MINUSCA



Operação Reprime Mineração Ilegal

DEFENCEWEB

Uma operação liderada pela Interpol contra a mineração ilegal em Burquina Faso, Gâmbia, Guiné e Senegal resultou na prisão de 200 pessoas e na apreensão de produtos químicos, explosivos, drogas e analgésicos usados por mineiros ilegais.

A Operação Sanu, que terminou no final de 2024, reuniu especialistas da Interpol e de agências nacionais de fiscalização da lei para combater a mineração ilegal e crimes associados. Centenas de agentes foram destacados para identificar rotas criminosas e o modus operandi em áreas remotas e isoladas dos quatro países, informou a Interpol num comunicado.

A colaboração transfronteiriça levou à apreensão de quantidades significativas de produtos químicos e equipamentos utilizados na mineração ilegal: 150 quilogramas de cianeto, 325 quilogramas de carvão activo, 14 botijas de mercúrio com um valor estimado em mais de 100.000 dólares, 20 litros de ácido nítrico e dois recipientes de 57 litros de ácido sulfúrico. As autoridades também apreenderam 10 quilogramas de cocaína e quase 7.000 explosivos.

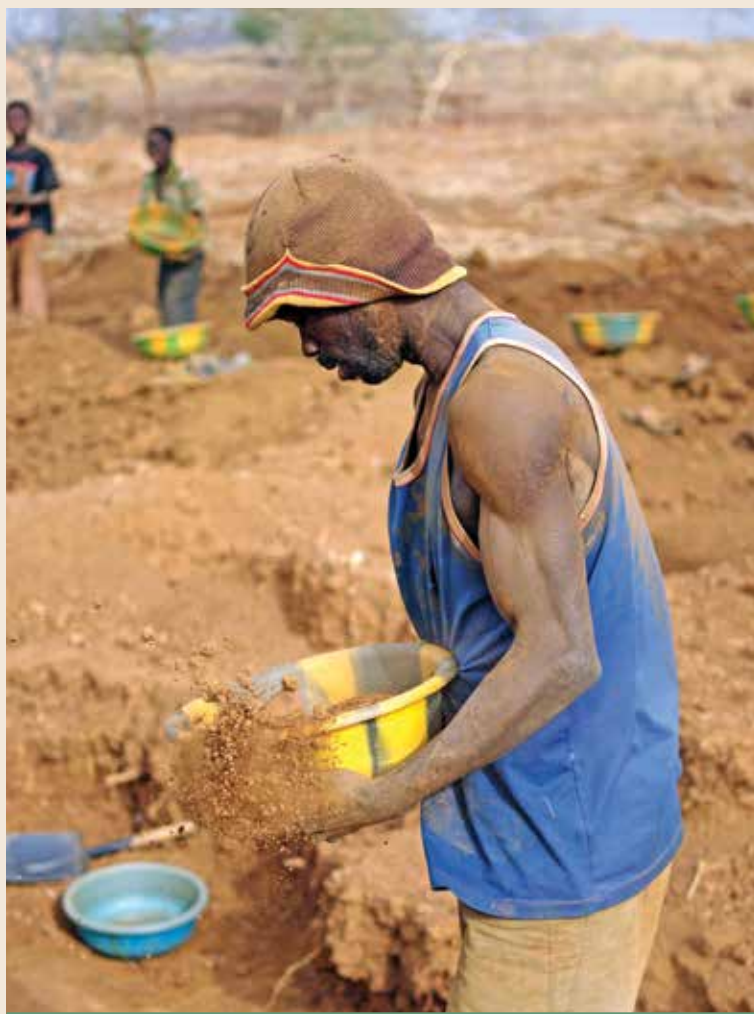
As autoridades apreenderam igualmente grandes quantidades de comprimidos de opiáceos comumente usados pelos mineiros para aliviar a dor causada pelo uso de produtos químicos como mercúrio e cianeto na mineração ilegal de ouro em pequena escala. Esses produtos químicos podem ter efeitos tóxicos no sistema nervoso, alertou a Interpol.

“A operação também deu à Interpol e aos agentes policiais e promotores envolvidos novas percepções sobre os danos mais amplos causados pela mineração ilegal na região — desde o desmatamento ao deslizamento de terra e o desvio do curso dos rios, levando à seca ou inundações —, bem como o seu impacto nas economias e comunidades da região,” afirmou a Interpol.

A Operação Sanu faz parte de um projecto-piloto para apoiar as agências policiais no combate às questões complexas e multifacetadas decorrentes da mineração ilegal na África Ocidental e Central. Foi realizada pelo Programa de Segurança Ambiental da Interpol, com o financiamento do Ministério do Interior do Reino Unido.



A Operação Sanu da Interpol teve como alvo actividades ilegais em minas de areia na Gâmbia. INTERPOL



Um homem peneira terra em busca de ouro numa mina no Burquina Faso. REUTERS

F-16 Marroquinos 'Interceptam' B-52

DEFENCEWEB

Numa impressionante demonstração de capacidade, caças da Força Aérea Real Marroquina "interceptaram" bombardeiros B-52H Stratofortress da Força Aérea dos Estados Unidos, no âmbito de um exercício conjunto.

Os bombardeiros do 20.º Esquadrão Expedicionário de Bombardeiros, da Base Aérea de Barksdale, partiram da Inglaterra para Marrocos no final de Novembro de 2024. Ao entrar no espaço aéreo marroquino, os F-16 "interceptaram" os bombardeiros a caminho da cordilheira Aoreora, ao sul de Agadir. Em Aoreora, os controladores aéreos tácticos conjuntos das Operações Especiais marroquinas e americanas entraram em contacto com os bombardeiros para realizar um lançamento de munições reais. Os controladores guiaram os bombardeiros até ao seu alvo, onde lançaram duas bombas de 227 quilogramas.

"A nossa capacidade de realizar estas missões de longo alcance em vários comandos de combate, em cooperação com os nossos parceiros no continente, destaca a nossa parceria, os compromissos militares contínuos e o treino quando trabalhamos com parceiros continentais," afirmou o Major-General Claude Tudor, director de operações do Comando dos EUA para África (AFRICOM). "Essas missões reforçam o nosso compromisso com os parceiros e aliados africanos, ao mesmo tempo em que ajudam a apoiar a segurança regional e africana."

Os B-52 voaram para Marrocos como parte de uma missão da força-tarefa de bombardeiros, reforçando a capacidade dos Estados Unidos de projectar alcance estratégico e capacidades de ataque de longo alcance. A missão coincidiu com uma visita a Djibouti, Somália e Quênia pelo General Michael Langley, do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA e comandante do AFRICOM. Numa reunião com as autoridades quenianas, as autoridades americanas salientaram o "compromisso do AFRICOM em permitir a eficácia dos parceiros e os esforços bilaterais nas operações de combate ao terrorismo." Os dois países parceiros partilharam as suas preocupações sobre a segurança regional e enfatizaram a importância das parcerias para promover a paz e a segurança regional.

Um B-52H Stratofortress decola como parte de uma missão de treino com a Força Aérea Real Marroquina.

FORÇA AÉREA DOS EUA



Afripol Anuncia 37 Prisões numa Operação Antiterrorista na África Oriental

EQUIPA DA ADF

Numa operação que abrangeu vários países da África Oriental, a Afripol anunciou a prisão de 37 suspeitos de terrorismo e a destruição de armas, incluindo um míssil e armamento antitanque.

A operação de Novembro e Dezembro de 2024 apanhou membros do grupo do Estado Islâmico (EI) e do al-Shabaab, bem como outros combatentes estrangeiros. Em colaboração com a Interpol, as autoridades da Afripol fizeram detenções na República Democrática do Congo, no Quênia, na Somália e na Tanzânia.

Na RDC, a polícia deteve quatro alegados membros das Forças Democráticas Aliadas e dois associados. Também capturaram e destruíram um míssil e um dispositivo antitanque abandonados pelos terroristas.

No Quênia, as autoridades detiveram 17 pessoas, incluindo dois suspeitos de pertencerem ao EI, vários combatentes estrangeiros e outras pessoas envolvidas no financiamento, na radicalização e na propaganda do terrorismo.

Na Somália, as autoridades detiveram três pessoas, entre as quais um presumível fabricante de bombas para uma unidade de informação do al-Shabaab, que andava a colocar engenhos explosivos improvisados para atingir agentes policiais e soldados. Outro suspeito era um agente do al-Shabaab que se crê ter atacado vários postos de controlo da polícia com granadas de mão.

Na Tanzânia, a polícia deteve um alegado membro do IS-Moçambique e um cidadão ugandês que tentou juntar-se a um grupo terrorista em Moçambique.

A Afripol também colaborou com as autoridades policiais de Djibouti, Moçambique, África do Sul e Uganda para capturar os suspeitos de terrorismo. As detenções fizeram parte de uma operação de segurança fronteiriça de cinco dias que utilizou as bases de dados da Interpol para procurar pessoas suspeitas de crimes graves, incluindo fraude, branqueamento de capitais e roubo.

A operação antiterrorista na África Oriental surgiu após uma investigação conjunta da Afripol e da Interpol em Setembro e Outubro de 2024, que resultou na detenção de mais de 1.000 pessoas suspeitas de crimes informáticos em 19 países subsaarianos. A Operação Serengeti desmantelou mais de 134.000 operações fraudulentas que tinham roubado mais de 193 milhões de dólares às vítimas em todo o mundo.

A polícia do Djibouti utiliza dispositivos biométricos da Interpol nos portos de entrada.

INTERPOL

Os Cavaleiros de Oyo

EQUIPA DA ADF

Ao longo da história de África, existiram exércitos ferozes e poderosos, mas poucos foram tão espetaculares como os Cavaleiros de Oyo.

O Reino de Oyo teve o seu início por volta de 1300 d.C., no que hoje é o sul do Benin e o oeste da Nigéria. Oyo rapidamente tornou-se um centro comercial transaariano. O povo Yoruba comercializava sal, couro, nozes de cola, marfim, tecidos e escravos. O clima de Oyo, na região da savana a norte das florestas tropicais, tornava-o relativamente livre da infestação da mosca tsé-tsé, o que, por sua vez, facilitava a criação de animais saudáveis. A excelência dos cavalos de Oyo tornou-os o seu produto mais famoso.

Todo este comércio tornou o Império de Oyo rico. A riqueza provinha dos impostos, chamados tributos, pagos pelos reinos vizinhos.

Com tanta riqueza, o reino optou por investir no seu exército, especialmente na formação de uma cavalaria habilidosa. Esses cavaleiros eram a espinha dorsal do exército de Oyo, conhecidos pela sua habilidade equestre, bravura em batalha e aparência impressionante. Eles não tinham pares entre os reinos vizinhos em termos de mobilidade e velocidade. No seu auge, a cavalaria contava com 100.000 cavaleiros.

Os líderes militares de Oyo perceberam que os outros exércitos se sentiam intimidados pelos seus cavaleiros e aproveitaram esse medo.

Os Cavaleiros de Oyo usavam trajes de batalha elaborados e dramáticos, com túnicas e cocares de cores vivas, e estavam armados com lanças, espadas e escudos. Os seus cavalos eram adornados com penas, decorações elaboradas e armaduras pesadas. Diz-se que a visão dos Cavaleiros de Oyo a entrar em batalha era aterrorizante e inspiradora.



Uma escultura em madeira retrata um cavaleiro Yoruba com cabelo trançado e alforjes decorados num cavalo estilizado.

LEILÃO INESTIMÁVEL

No entanto, o sucesso militar do império não se devia apenas à cavalaria. O exército de Oyo era uma força de combate bem equilibrada, com arqueiros e infantaria.

Apesar da sua reputação formidável, os Cavaleiros de Oyo não eram invencíveis. As Guerras de Daomé, que começaram em 1728

contra um reino vizinho, expuseram algumas das fraquezas da cavalaria. Os guerreiros de Daomé, armados com armas de fogo, descobriram que o som dos tiros assustava os cavalos de Oyo, atrapalhando as suas investidas. Além disso, os Daomé construíram fortificações e trincheiras que neutralizaram a eficácia da cavalaria. Os Oyo foram forçados a adaptar as suas táticas e a confiar mais na infantaria em determinadas situações. Foram necessárias 11 invasões, mas os Oyo, em grande parte graças à força da sua cavalaria, derrotaram os guerreiros de Daomé em 1748.

Na sua época, era o maior império de língua Yoruba e um dos reinos mais importantes de toda a África Ocidental. No final do século XVIII, o império exercia uma influência considerável não só sobre a maioria dos outros reinos de língua Yoruba, mas também sobre a maioria dos Estados africanos vizinhos.

O Reino de Oyo perdurou, com vários graus de poder e influência, por mais de 500 anos. O fim do reino veio de dentro, quando as lutas políticas palacianas corroeram o poder do rei a tal ponto que ele não conseguiu mais manter a lealdade dos seus chefes. Com o poder reduzido na capital, o reino acabou por fragmentar-se em partes menores.

Hoje, é mais lembrado pelo seu período de grande riqueza e influência. E é lembrado pelos seus cavaleiros, que tiveram um impacto duradouro na história do continente.

DICAS

- 1** O local imaculado estende-se por quase 3.000 quilómetros quadrados e inclui riachos e cachoeiras.
- 2** Os seus habitats aquáticos são o lar de espécies de peixes de água doce, 13 das quais estão ameaçadas.
- 3** Este local combina grandes áreas de florestas intactas e ecossistemas fluviais inalterados.
- 4** A terra é considerada uma das áreas protegidas mais insubstituíveis do mundo pela conservação de mamíferos, aves e anfíbios.



PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na ADF e deixe a sua opinião ser ouvida.

Normas para Publicação de Artigos na ADF

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a ADF irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS

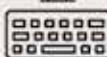
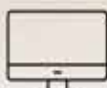
Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar os artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a ADF, o autor concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da ADF através do e-mail ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com. Ou envie a sua correspondência para um dos seguintes endereços:

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany



ESTÁ ANSIOSO PELA PRÓXIMA EDIÇÃO?

Em ADF-Magazine.com, trazemos para si uma cobertura aprofundada de questões da actualidade que afectam a paz e a estabilidade todas as semanas. Confira a nossa página da internet e tenha as mesmas notícias fiáveis e credíveis sobre segurança, trazidas semanalmente, cobrindo todo o continente.



FIQUE LIGADO

Se quiser manter-se ligado nas redes sociais, siga a ADF no Facebook, Twitter, Instagram e LinkedIn, ou inscreva-se na nossa lista de e-mails na nossa página da internet, ADF-Magazine.com, ou envie um e-mail para News@ADF-Magazine.com